

RODOLFO VALENTINO

Adaptação da peça

"As fás de Roberto Taylor"

de Gastão Tojeiro

por Luiz Paulo Vasconcellos

em 3 atos

ATENÇÃO
PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA A APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SCDP, SR.-DPF



Porto Alegre

- 1976 -



1º ato

- MARGARIDA- (Entrando. Vê Dulce que cobre de beijos uma fotografia de Rodolfo Valentino) Então... Beijando retrato de homem...
- DULCE- Isto não é retrato de homem; é do Rodolfo Valentino!
- MARGARIDA- Ora esse! E, por acaso, Rodolfo Valentino não é homem igual aos outros?
- DULCE- É que mal faz beijar um retrato? É como se beijássemos a imagem de um santo.
- MARGARIDA- Que horror! Que falta de religião! Comparar o retrato - desse... desse artista com a imagem de um santo! Que heresia!
- DULCE- É por que não? Para muitas moças... e também para algumas velhas, Rodolfo Valentino é como um santo... O santo de sua devoção.
- MARGARIDA- Onde já se viu semelhante senhora?
- DULCE- Deixe-se de rabugices, dona Margarida. (Suspira) Infelizmente ele está tão longe!
- MARGARIDA- Chega, menina! Não fica bem a uma moça, principalmente a uma moça que é noiva, esses arrebatamentos lascivos por causa de artistas de cinema!
- DULCE- A senhora não tem nada a ver com isso! Além do quê, o fato de ser noiva não impede que também seja uma das muitas fãs de Rodolfo Valentino.
- MARGARIDA- Hum!... que nojo!...
- DULCE- Ah! se ele viesse ao Brasil! O que nós, as fãs, não haveríamos de fazer...
- MARGARIDA- Sendo de desavergonhadas!
- DULCE- Deixe de pudores, dona Margarida! Se a senhora fosse moça, garanto que fazia o mesmo.
- MARGARIDA- Eu?... Imagine!... Deus me livre! Sou uma viúva, fique sabendo, e uma viúva comportada, digna, respeitável... uma baluarte dos bons costumes! E foi justamente por minhas qualidades morais que seu pai contratou-me para tomar conta de você. Portanto...
- DULCE- Era só o que faltava! Como se eu, com vinte anos, ainda precisasse de quem tome conta de mim! Essa dona Margarida tem cada uma...
- MARGARIDA- Assim que seu pai chegar conto-lhe tudo, viu? Tadinho! Que se vez de estudar suas lições de canto, passa o tempo



beijando retrato de homem!

DULCE- Primeiro, não é de homem; é do Rodolfo Valentino! Segundo, pode contar se quiser! Eu, na minha casa, faço o que eu quero e não dou satisfações a estranhos!

MARGARIDA- Estranha, eu?... Que desaforo! Hoje mesmo vou pedir a seu pai que dispense meus serviços de governante desta casa.

DULCE- Acho muito bom. (Vai à janela e chama para cima) Nonata!

MARGARIDA- Já vai chamar aquela outra assenhada?

DULCE- Nonááááá! (Pausa) Até que enfim!... Você desce ou não desce?

MARGARIDA- Muito bonito isso! Que dirão os vizinhos vendo-a à janela a gritar pelo nome dessa garota.

DULCE- Mas que inferno! Que mal fiz eu a Deus para aturar essa mulher!?...

MARGARIDA- Acha que está me aturando? Pois eu não tenho necessidade de aturar seus desaforos. Para viver, graças a Deus, tenho duas casas em Olaria que me deixou meu falecido marido...

DULCE- Se a senhora vai começar a falar nas duas casas de Olaria que lhe deixou seu defunto marido, eu me retiro! (Vai sair)

MARGARIDA- E esse retrato que deixou fora do lugar?

DULCE- Guarde-o, e não estará fazendo favor algum! (Sai)

- x -

MARGARIDA- Malcriada! Cafajesta! Sifilítica! (Pega o retrato) Em véspera de se casar e beijando retrato de homem! Sem vergonha! (Olhando o retrato, num repente) Ah, tentação! (Beija várias vezes o retrato) Para que anda judiando com o coração das mulheres, seu pestinha! (Beija-o com sofreguidão)
(Tobias entra)

TOBIAS- Que atividade é essa, dona Margarida?

MARGARIDA- Eu?... É que... EU... eu ia...

TOBIAS- Então a senhora não se envergonha de nessa idade andar pela casa beijando retrato de homem?

MARGARIDA- Eu... estava arrumando... estava torto!

TOBIAS- Muito bonito se minha filha a surpreendesse em semelhante atitude!

MARGARIDA- Não, pelo amor de Deus!... Perdoo, seu Tobias, a levianda



de, mas eu não resisti. Não fiz por mal! É que também sou fã...

TOBIAS- Com essa cara, dona Margarida? Não acha que devia estar fazendo coisa mais útil?

MARGARIDA- Seu Tobias; não tenho necessidade de ouvir isso da sua boca! Meu marido deixou-me duas casas em Olaria...

(Dulce entra)

TOBIAS- Já conheço a história, dona Margarida. O que não desejo é surpreendê-la novamente beijando retrato de homem dentro desta casa. Está dito?

MARGARIDA- (Vendo Dulce) Mentira!

TOBIAS- A senhora ousa desmentir-me?

MARGARIDA- Não, seu Tobias, mas é que...

DULCE- Então, a Dona Margarida também anda dando seus pulinhos...

TOBIAS- Vamos acabar com isso! (Para Margarida) Mandou chamar o homem para consertar o rádio?

MARGARIDA- Mandei, sim senhor. Deve vir hoje.

TOBIAS- Muito bem. Pode ir agora.

MARGARIDA- Sim senhor. (Sai)

DULCE- Com que então essa Dona Margarida...

TOBIAS- Parece que entrou para o time das fãs desse tal de Valentino.

DULCE- Até ela!... Quem diria!... (Começa a ler o jornal)

TOBIAS- Um artista de cinema a virar a cabeça até das velhas! Que tempos os nossos! Que tempos! (Pausa) O Jorge já esteve hoje aqui?

DULCE- Não.

TOBIAS- Ficou de estar hoje cedo aqui e até a esta hora ainda não veio. Não sei quando terminará a cópia do contrato do teu casamento.

DULCE- Também não há pressa, né papai?

TOBIAS- Como não há pressa? Já devia estar pronto. Nunca vi sujeito mais preguiçoso do que esse Jorge!

DULCE- E que necessidade há desse contrato?

TOBIAS- É preciso prever tudo, minha filha. Já sei que Carlos é um rapaz direito, ajuizado... mas quem nos garante que de um momento para outro ele não desande a fazer tolices de todo tamanho? Estamos numa época de maluquices. E depois, isto é um simples contrato particular entre mim e teu noivo.



deste de tudo escrito tim-tim-por-tim-tim, para voltar do
vício.

- DULCE- O senhor é prudente demais, papai.
- TOBIAS- Todo cuidado é pouco...
- DULCE- (Continua lendo, dá um grito) Ah!
- TOBIAS- O que foi?
- DULCE- Reprise!
- TOBIAS- Que reprise?
- DULCE- Se lava?
- TOBIAS- Onde?
- DULCE- No teatro!
- TOBIAS- Que teatro?
- DULCE- No cinema!
- TOBIAS- Para que?
- DULCE- Tem reprise!
- TOBIAS- Das reprises do que?
- DULCE- Do filme do Rodolfo Valentino - "O Filho do Xequê"!
- TOBIAS- Mas não viste duas vezes a fita?
- DULCE- Três, nas quarta vez a quarta, a quinta, a sexta, quero vez
de novo, não consinto de forma nenhuma numa negativa de
sua parte, me leva se não eu cometo um desatino, uma bobagem,
um ato tresloucado...
- TOBIAS- Está bem, está bem, eu levo.
- DULCE- Ah bom! Sessão das duas papai!
- NONATA- (Entrando) Bom dia!
- DULCE- Você oxigenou os cabelos?
- NONATA- Eu?
- DULCE- Você, sim. Hoje de manhã, seus cabelos não eram tão louros!
- NONATA- Não sei porque todo esse espanto. É tão natural a gente
oxigenar os cabelos. Vi mamãe lavar os cabelos em água fervida
com casca de cebola e fiz a mesma coisa...
- DULCE- E ficou loura!
- NONATA- Pois é... fiquei loura...
- DULCE- Não sabia que água fervida com casca de cebola servia para
oxigenar os cabelos.
- NONATA- Pois souva, minha filha.



DULCE- Não deixa chaire?

NONATA- Suzee, que horror, claro que não.

DULCE- Você ficou igualzinha a Paulette Goddard?

NONATA- Você acha mesmo?

DULCE- Igual-zi-nha!

NONATA- Pois todo mundo me acha a cara dela. Eu não acho...

DULCE- X-den-ti-ca!

NONATA- Mesmo, mesmo?

DULCE- Mesmo, mesmo.

NONATA- Que bom! O senhor também acha?

TOBIAS- O que?

NONATA- Que eu sou igualzinha a Paulette?

TOBIAS- Que Paulette?

NONATA- Goddard...

TOBIAS- (Depois de olhar muito atento) É...

NONATA- Pois todos dizem que pareço com ela. O professor de datilografia é um deles...

TOBIAS- O Jorge?

NONATA- Todas as vezes que falo comigo diz sempre: 'Mulher, você é a Paulette escarrada!'

TOBIAS- Ah!...

NONATA- Pois é...

DULCE- Nonatinha, você sabia que no Metro estão reprisando o Filha do Rei que?

NONATA- (Dá um grito) Mentira!

DULCE- Juro por minha mãe mortinha!

NONATA- Vou correndo dar a notícia a mamãe.

TOBIAS- A senhora sua Mãe é fã desse astro?

NONATA- Fã? A mamãe é te-ra-da! Si-de-ra-de!

TOBIAS- Calculo.

DULCE- Papai vai levar-me hoje à matinée. Você não quer ir conosco?

NONATA- Quero sim.

DULCE- Vá pedir a sua mãe. Diz que foi papai quem mandou pedir.

TOBIAS- Eu não estou mandando pedir nada.

DULCE= Está sim. Vai de uma vez!
 NONATA= (Só a voz) Mããããã!!! Mããããã!!!

- x -

TOBIAS= Sempre me arranja cada uma! Não tencionava sair de casa hoje à tarde.

DULCE= Ora, papai. O senhor também é um fã inveterado.

TOBIAS= Ora, menina, não diga besteira... fã de quem?

DULCE= Da Pola...

TOBIAS= Que Pola?...

DULCE= Da Pola Negri.

TOBIAS= Mais respeito, menina. Mais respeito. Eu sou teu pai!
 (Entra Esther, a Professora de Canto)

ESTHER= Bons dias!

TOBIAS= (Medindo-a de alto a baixo) Bom dia, dona Esther.

DULCE= Ven hoje tarde, professora.

ESTHER= Atrasei-me um pouco em casa de uma aluna. Perdoem-me. Mas hoje estou completamente atacada! Já sabem da novidade?

DULCE= Que novidade?

ESTHER= Rüdolfo Valentino vem ao Brasil!!!

DULCE= (Quase num desfalecimento) Não!

TOBIAS= Que é isso menina? Olha que não passe de boato!

ESTHER= Boato? Pois veja! (Mostra o jornal) Leia aqui.

DULCE= (arrancando o jornal das mãos do pai) Deixa eu ver. Deixa eu ver.

TOBIAS= Calma, calma.

DULCE E ESTHER=(iluminadas) Em carne e osso!

TOBIAS= Não há dúvidas que as mulheres todas enlouqueceram!

ESTHER= (Dando-se conta) Calma, seu Tobias. Não exagere! Eu apenas admiro nele o artista.

DULCE= O artista que nos emociona...

ESTHER= Que nos deleita...

DULCE= Que nos arrebeta...

ESTHER= Que nos domina...

TOBIAS= Vamos parar com essa galinhagem?

Conte

- x -



(Entra Jorge, Atrezadíssimo)

- JORGE- Bom dia, bom dia, bom dia!
- TOBIAS- Há até que enfim! Olha que já passam dez minutos do meio dia.
- JORGE- Ora, seu Tobias. Os minutos são tão rápidos que nem vale a pena contá-los.
- TOBIAS- Mas, afinal, seu Jorge, o senhor acaba ou não acaba a cópia do contrato?
- JORGE- Descanse que ficará pronta hoje.
- TOBIAS- Mas você nem começou...
- JORGE- Não tem importância. Comigo a coisa é toma lá dá cá. Pouco de dedinhos minucos no teclado e é só: tá-tá-tá-tá, tá, tá! Uma castanhala só! O senhor não me conhece!...
- TOBIAS- Conheço, sim!... Há uma semana que estou esperando este contrato.
- JORGE- Que injustiça, seu Tobias. Bem que a mamãe dizia: 'Como sofre quem pedece...' Pode deixar, eu lhe asseguro que hoje fica concluída a cópia do contrato. Antes, porém, permita-me cumprimentar essas interessantes senhoras. (Dirige-se a elas) Bom dia, senhorita... Muito prazer em revê-la, my nicótila professora.
- ESTHER- Oh, seu Jorge, que prazer.
- DULCE- Seu Jorge já sabe que esta tarde reprisam 'O Filho do Rei... que'?
- JORGE- (Dá um grito) Onde?
- TOBIAS- Que foi isso?
- DULCE- No Metro.
- JORGE- (Lívido, transportado) O Filho do Rei no Metro!...
- TOBIAS- Ora, seu Jorge, tome tenência, até parece mulher. (Jorge olha para Tobias, toma respiração para responder, mas desiste)
- ESTHER- (Para Jorge) Já sabe que ele vem ao Brasil?
- JORGE- Quem?
- DULCE- O Rodolfo.
- JORGE- Que Rodolfo?
- ESTHER- O Valentino.
- JORGE- Mentira!
- ESTHER- Verdade!



- DULCE- Está na edição de hoje de A Noite.
- JORGE- Vocês estão gozando a minha cara.
- ESTHER E DULCE- É verdade.
- JORGE- Vocês querem desorganizar a minha mente.
- ESTHER E DULCE- Não, seu Jorge, é verdade.
- JORGE- Vocês querem destruir minha integridade moral!
- ESTHER E DULCE- Olhe só, leia a notícia.
- JORGE- (Num rompante) Nunca! Prefiro me manter na ignorância. -
(Levanta-se para sair)
- TOBIAS- Seu Jorge, tome juízo! Trate de acabar essa cópia de contra-
to, pois não?
- JORGE- (Para. Gira. Olha para as duas. Só, então, consegue dar um
grito) Ah!
- TOBIAS-ESTHER-DULCE- O que foi, seu Jorge?
- JORGE- (Aliviado) Nada, saiu! (Sai)
- TOBIAS- (Saindo atrás) Um homem desse tamanho a interessar-se por
galãs de cinema! Onde já se viu! Que falta de vergonha!..
E o contrato, que há mais de uma semana... (Sai)
- x -
- DULCE- Papai fica uma fúria quando a gente tem chilique por causa
do Rodolfo.
- ESTHER- E meu marido que agora deu para ter ciúmes de mim!
- DULCE- Ciúmes da senhora? Que horror!... Mas com que direito?
- ESTHER- E sei eu? Mas o fato é que tem!
- DULCE- Ah, esses homens!
- ESTHER- Pois não é? Umás belas titicas!
- DULCE- Inveja, é o que eles tem.
- ESTHER- Também acho.
- DULCE- E agora com a vinda dele aí... as coisas vão piorar, ... -
prá nós, quero dizer.
- ESTHER- Podes crer, minha rica!
- DULCE- Quem diria! Rodolfo Valentino em carne e osso!...
- MARGARIDA- (Que entrou pouco antes e ficou ouvindo a conversa) Onde ?
- ESTHER- No Brasil, a senhora não sabia?
- MARGARIDA- (Dá um grito) Ah!



- DULCE- Deixe de crise, velha caceta! Na sua idade
MARGARIDA- Mal educada! Fique sabendo que não tenho obriga-
DULCE- Já sei... por causa das coisas do falecido... mas o que é
que você quer aqui?
MARGARIDA- Seu pai mandou dizer que se quiser ir ao cinema que vá se
preparando. (Dá as costas para sair - à saída) Sirigala -
ta!
DULCE- Bem, com licença, professora. Vou mudar a roupa.
ESTHER- (Que já ia tirando as partituras) É a lição de hoje?
DULCE- Fica para amanhã. A senhora não quer ir conosco ao cinema?
ESTHER- Meu marido pode não gostar...
DULCE- E ela vai saber?
ESTHER- Acho que não...
DULCE- Então?
ESTHER- Pois é... Além do mais, se não gostar, o problema é dela.
Paciência...
(Nonata entrando)
NONATA- Dulce! Dulce! A mamãe consente que eu vá junto!
DULCE- Oba! Então vamos as três!
(As três pulam juntas, abraçadas, no mesmo lugar)
AS TRÊS- Nós vamos ao cinema! Nós vamos ao cinema!
(Entra Jorge. Vê a cena e se junta ao trio)
OS QUATRO- Nós vamos ao cinema...
(Entra Tobias. Para e fica observando o quadro)
TOBIAS- Seu Jorge, o contrato!
(Todos param, meio sem graça)
DULCE- Bem, com licença, vou trocar de roupa. (Sai)
ESTHER- E eu vou retocar o pé... com licença. (Sai)
JORGE- (Para Tobias) E eu vou bater o contrato... (Sai)
TOBIAS- (Saindo atrás) Há uma semana, seu Jorge, que estou esperando
do por esse contrato, até parece que o senhor faz de propósito...
sitio...
NONATA- (Suspira) Ah! Só me resta subir para minha mansarda...
(Jorge aparece de novo, cuidando para que Tobias não o veja.
Traz um copo)
VOZ DE TOBIAS- Seu Jorge!!!
JORGE- Ai meu nervoso!... (Para dentro) Um instantinho! Só vou
preparar minha água com açúcar! (Vendo Nonata) Paulette



Goddard!

NONATA- Mas West!

(Tão um pequeno ataque de frescura e saem)

MARGARIDA- (Entrando - vai até a escrivaninha, pega o retrato. Beija-o)
Selvado! Será mesmo que vou vê-lo em pessoa?
(Entra Carlos)

CARLOS- Boa tarde.

MARGARIDA- (Assusta-se. Larga a foto) Oh, seu Carlos! Como vai o se-
nhor?

CARLOS- Vou bem. Onde está a Dulce?

MARGARIDA- (De propósito) Se vestindo para ir ao cinema.

CARLOS- Hein? Vai ao cinema sem me prevenir? Faça o favor de cha-
má-la.

MARGARIDA- Ela não gosta que a interrompa quando está fazendo a
'Toilette'.

CARLOS- Vá chamá-la, já disse!

MARGARIDA- Ela está fazendo a 'toilette', mas já que o senhor manda...
E não é preciso gritar que não sou surda. (Soando) E foi
para isso que meu marido me deixou duas casas em Ulexia...

CARLOS- Isto ainda acaba mal... ainda acaba mal...

JORGE- (Entrando de volta com a água com açúcar)
Ó, Senhor Carlos...

CARLOS- Que foi?

JORGE- Nada. Parece uma fera bravia, enjaulada, andando de um la-
do para o outro. Só isso.

CARLOS- Previno-lhe que hoje não estou propenso a graças.

JORGE- Só hoje?

CARLOS- Não me amole.

JORGE- Ai, que homem selvagem! A sua noiva já está avisada que o
senhor chegou?

CARLOS- Já.

JORGE- Que pena!... Nesse caso, eu me retiro para poder terminar
de bater a cópia do contrato de seu enlace matrimonial: -
(Sai cantando)

CARLOS- À vontade - embora talvez seja tempo perdido.

JORGE- Tempo perdido? (Para si) Ai, que teu fofoca!... (Para
Carlos) E o senhor acha que a boneca aqui tem tempo para
perder, hein, hein?



CARLOS- Sabe de uma coisa, seu... Não me aborreça mais... Já
gostou, sim?

JORGE- Não! Eu sabia que o bofe sairia pela tangente...

CARLOS- Não ancha!

JORGE- Não precisa gritar, Paul Luni dos trópicos! (Sai)

- x -

(Entra Dulce)

CARLOS- Que sujeito mais idiota!

DULCE- Que é que você quer de mim?

CARLOS- Que cara é essa? Não gostou que a mandasse chamar?

DULCE- É com razão. Veio mesmo na hora que estou me vestindo para sair.

CARLOS- É só por isso se contrariou tanto? Houve um tempo que vo-
cê me recebia com demonstrações de alegria. Agora...

DULCE- Já vai começar o muro das lamentações?...

CARLOS- E não tenho o direito de lhe dizer a mínima coisa?...

DULCE- Não. Não tem, não senhor. E faz favor de se retirar que
não tenho tempo agora. Em outra ocasião, talvez...

CARLOS- Não tem tempo para me ouvir, mas tem tempo para ir ao cin-
ema!

DULCE- Quem foi que lhe disse?

CARLOS- Aquela senhora ali.

MARGARIDA- Aquela senhora ali, é a vovozinha, que eu tenho nome, viu?
Imagina, foi pra isso que meu marido me deixou duas cegas
em Olaria... (Sai)

DULCE- Linguaruda!

CARLOS- E como você não me disse nada ontem que ia hoje ao cinema,
achei estranho...

DULCE- E acha que tenho que lhe dar satisfações do que faço da mi-
nha vida?

CARLOS- Por acaso, esquece que sou seu noivo?

DULCE- Ah, que inferno! Em primeiro lugar, eu não sabia, antes,
que ia ao cinema hoje! Em segundo, por enquanto, entendo
que só devo obediência ao meu pai. E boa tarde!

CARLOS- Ir ao cinema frequentado por tantos indivíduos audacio-
sos, desrespeitadores...



- DULCE- Sai ao fazer respeitar. (quando me convém). Não vou ao cinema sozinha; vou com papai, com a professora de canto.
- CARLOS- Ainda assim. Só deve ir ao cinema quando eu for.
- DULCE- Mas não... Cêgã! Não estou disposta a submeter-me a essa infame repressão! Vou acabar de me vestir, pois temo que chegar no Metro antes das duas.
- CARLOS- Dulce, meu anjo, peço-lha; não vá ao cinema.
- DULCE- Vá amolar o boi! Já disse que vou e pronto.
- CARLOS- Mas Dulce, meu amorzinho...
- DULCE- Amorzinho ou não amorzinho, EU VOU AO CINEMA!
- CARLOS- Olhe que depois vai se arrependar...
- DULCE- Ah! Então, tem a petulância de me interpelar com ameaças, seu pústula?
(Tobias entra)
- TOBIAS- Estou pronto. Ah, é você Carlos?
- CARLOS- Infelizmente.
- DULCE- Papai, peço ao senhor a extrema gentileza de limitar as exigências desse cavalheiro!
- CARLOS- A Dulce acaba de me dizer que vai agora ao cinema.
- TOBIAS- Não é muito lá do meu gosto, mas vai.
- CARLOS- Ainda bem que não é do seu gosto. Pedi-lha que não fosse, mas ela insiste em ir.
- DULCE- E vou. (Sai)
- CARLOS- E o que diz o senhor a isso?
- TOBIAS- O que eu digo? Quer saber de uma coisa? Não digo nada. Vocês que são noivos que se entendam. (Sai)
- CARLOS- Mas senhor... Dulce... Ora, raio nos portões...
- JORGE- (Entrando com um copo) O bofe está zangadinho?
- CARLOS- Ora, seu... não me amole. (Sai)
- VOZ DE TOBIAS- Seu Jorge!!!
- JORGE- Ai meu nervoso! (Para Dentro) Já estou indo, só vou preparar uma água com açúcar... (Comenta) Que falta de senso de humor...
(Entra Arnaldo)
- ARNALDO- Bom dia.
- JORGE- Bom dia, cavalheiro, o senhor o que deseja?



TOBIAS- (Entrando) Jorge...

JORGE- (Saíndo) Eu só ia preparar minha água com açúcar... É paz o meu nervoso... (Sai)

TOBIAS- (Vendo Arnaldo) Ah, sr. Arnaldo. Entre. A casa é sua.

ARNALDO- Como vai passando?

TOBIAS- Bem, e o senhor?

ARNALDO- Assim, assim. (Consulta o relógio) Pensei encontrar minha mulher aqui...

TOBIAS- E não se enganou. Está lá dentro com minha filha. Creio que ela vai ao cinema conosco.

ARNALDO- Então minha mulher vai agora de dia ao cinema?

TOBIAS- Parece-me.

ARNALDO- Sai de casa para dar lições de canto e vai ao cinema? Acha que devo consentir em tamanha irregularidade?

TOBIAS- Na verdade, isso lá é com o senhor.

ARNALDO- (Consulta o relógio) Se o senhor pudesse fazer a gentileza de mandar chamá-la.

TOBIAS- Pois não. Eu mesmo chamo.

ARNALDO- Não se demore, pois não? Estou em cima da hora de entrar na repartição.

TOBIAS- É assim tão pontual?

ARNALDO- Pelo contrário. É que tenho dois empregos públicos.

TOBIAS- Dois? Mas as acumulações não estão proibidas?

ARNALDO- Estão, sr. senhor. Mas os horários dos meus empregos são quase diferentes. Arranjo sempre um pretexto para sair do primeiro um pouco mais cedo para poder entrar no segundo um pouco mais tarde.

TOBIAS- Mas se acabam por descobrir, o senhor perderá um desses empregos.

ARNALDO- Enquanto não descobrem, aproveita-se. (Consulta o relógio) Oh, diabos! Faltam apenas doze minutos... E minha mulher?

TOBIAS- Ah, sim, um momentinho. (Na porta) Dulce! Ó Dulce, diz aí a dona Estherzinha que o marido dela está aqui e deseja falar-lhe. (Arnaldo consulta o relógio) Esteja à vontade. (Vai até a outra porta) Jorge!

VOZ DE JORGE- Um instantinho; estou preparando minha água com açúcar.

TOBIAS- (Sai) Há uma semana que estou esperando por essa cópia do contrato...



(Entra Esther)

- ESTHER- Que é?
- ARNALDO- Demoraste tanto! Não sabe que tenho os minutos contados?
- ESTHER- O que é que você quer?
- ARNALDO- Preciso ter uma explicação contigo.
- ESTHER- Aqui?
- ARNALDO- Tenho pressa em falar-te.
- ESTHER- Então fala de uma vez.
- ARNALDO- (Consultando o relógio) Só tenho oito minutos... Saíste hoje de casa sem me dar uma palavra e... ainda pior, me deste uma xícara de café frio, quase gelado...
- ESTHER- E foi para me dizer uma sandice dessa que você veio me procurar em casa de uma aluna?
- ARNALDO- Fui para a repartição e puz-me a pensar; se ela não me deu uma palavra e por cima me deu café frio, quase gelado, é porque está querendo me evitar. E se está querendo me evitar, claro está que é porque há alguém entre nós...
- ESTHER- Judas Iscariotas! Peste bubônica! Então, não parece que esse teu ciúme está se tornando um tanto ridículo?
- ARNALDO- Esther! Esther! Toma cuidado; onde me vês com esta aparência de cordeiro, posso transformar-me numa fera!
- ESTHER- Qual fera?
- ARNALDO- Não zomba da minha indignação.
- ESTHER- Não grite, paquiderme ignorante! Estamos em casa de estranhos! E não podia esperar que estivéssemos em casa para fazer essas ameaças insensatas?
- ARNALDO- Não poderia trabalhar o dia inteiro se primeiro não viesse desabafar contigo. (Olha o relógio) Só faltam cinco minutos.
- ESTHER- Já desabafou. Agora pode ir.
- ARNALDO- E tu vais para o cinema, não é?
- ESTHER- Quem disse semelhante calúnia?
- ARNALDO- O seu Tobias.
- ESTHER- Ah, sim. Pois é, vão ele, a filha e a vizinha de cima. E eu...
- ARNALDO- Nunca! As senhoras casadas só devem ir ao cinema acompanhadas de seus respectivos maridos!



- ESTHER- Era a falência dos cinemas!...
(Tobias e Jorge entram)
- TOBIAS- Toda uma semana esperando por esse maldito contrato...
(Vendo os dois)
- JORGE- Estou indo, estou indo... (Sai)
- TOBIAS- Ainda aqui? Que conferência mais cumprida...
(Consulta o relógio)
- ESTHER- É que me encantador maridinho tem tantas coisas a me dizer que não pode esperar que eu chegue em casa...
(Consulta o relógio)
- ARNALDO- Faltam apenas dois minutos. Vou chegar atareado.
- TOBIAS- Cuidado que pode perder a acumulação!...
- ARNALDO- Não diga isso nem brincando. Adeus.
- ESTHER- Amor, posso ir ao cinema?
- ARNALDO- É que meu chefe é muito exigente... Até logo, Esther...
- ESTHER- Posso ir, amor?
- ARNALDO- Faça bem, seu Tobias. Ah, tenho que pegar um taxi mesmo...
(Sai)
- TOBIAS- Afinal, ele deu a licença?
- ESTHER- Se não deu, também não a negou.
- TOBIAS- A pressa era tanta...
- ESTHER- Com licença, seu Tobias. Vou ver se a Dulce já está pronta. (Sai)
- TOBIAS- E não demorem que está quase na hora.

- x -

- (Entra Rodolfo)
- RODOLFO- Foi aqui que mandaram chamar um mecânico para consertar o aparelho de rádio?
- TOBIAS- Aqui mesmo. Pode entrar. (Olha-o de alto a baixo) É o senhor mesmo que conserte rádios?
- RODOLFO- Sim, senhor. Aqui tem o meu cartão.
- TOBIAS- (Sem pegar o cartão) Muito bem. Entenda-se com a governante, que lhe dirá o que tem a fazer. (Chama) Dona Margarida! Aqui está o mecânico que veio examinar o rádio. (Volte-se) Ela já vem atender. É uma senhora muito simpática, e tem duas casas em Glória. Com licença. (Sai)



- RODOLFO- Sim, senhor. Eu espero. Isto deve ser gente de seu -
instalada na vida.
(Margarida entre. Depara com Rodolfo. Fica estatelada, -
atônita)
- RODOLFO- Bom dia, senhora. Eu sou o mecânico. (Aqui tem o meu car-
tão.
(Margarida pega maquinalmente o cartão e lê em voz alta)
- MARGARIDA- Rodolfo Valentim. (Olha novamente o mecânico, o cartão -
mais uma vez, novamente o mecânico, e dá um grito) Ah!!!
- RODOLFO- O que foi, minha senhora? Está sentindo alguma coisa?
- MARGARIDA- Não é possível! É ela! Em carne e osso! Disfarçada! Eu se-
sou vendo com estes olhos que a terra um dia há de comer!
Que é que eu faço, meu Santo Agostinho?... Eu estou com -
palpitações... calores... Eu acho que vou desmaiar... Com
licença, com licença, eu já volto, é só um instantinho, não
demoro... (Sai)
- RODOLFO- Que é que deu nessa velha!... (Senta-se numa poltrona)
- VOZ DE TOBIAS- Vamos, meninas? Se demorarmos, perdemos o começo da fita.
(Dulce entra com Esther)
- DULCE- (Que não viu Rodolfo) Temos que chamar Nonata) Vai à ja-
nela) Paulette!
- VOZ DE NONATA- Estou descendo!...
- NONATA- (Entrando) Pronto, estou aqui.
(As três avistam Rodolfo que se levantou. Ficam petrifica-
das. Um imenso grito.)
- AS TRÊS- Rodolfo Valentim!
- RODOLFO- As ordens, senhoras. (Para si) De onde será que elas me
conhecem?
- TOBIAS- (Entrando) Que foi isso? (Vê Rodolfo) Ah, é o senhor? -
Dona Margarida não veio atender o senhor?
- RODOLFO- Esteve aqui, mas acho que não se sentia muito bem...
- TOBIAS- Não se sentia bem? Estranho.
- RODOLFO- Ela disse que não demorava. Eu posso esperar, não se preo-
cupa.
- TOBIAS- (Grita para dentro) Ó dona Margarida! Venha logo! (Para
as três que estão absolutamente pétreas) Vamos meninas.
- AS TRÊS- Bom... eu... acho que me esqueci do batom! Eu... vou ver
se a risca da meia está no lugar!... Com licença... eu
ainda vou lá... Não demoramos, papai, só vou dar uma reto-
cada no roupa!... (Sai atabalhoadamente)



- TOBIAS- Essas meninas ainda não estão prontas!... Com licença vou ver se o meu secretário já terminou um serviço. Um momento... (Encontra Margarida que vem entrando transformada pela 'maquilagem') Que foi isso? Parece uma maluca!
- MARGARIDA- Maluca é a defunta senhora sua mãe, seu velho escroto! (Durante esta cena as três entram, cada uma de uma vez, de sopetão e dão gritinhos e saem correndo, fazendo gestos, - excitadíssimas)
- TOBIAS- Mais respeito, senhora dona Margarida!
- MARGARIDA- Mais respeito, o senhor, que não sou sua escrava e ando do jeito que eu quero, com a cara que eu quero, com quem eu quero, porque não fosse por vontade própria, eu não estava aqui, que o meu falecido marido me deixou duas casas em - Glória...
- TOBIAS- Já conheço a história, dona Margarida. Agora, se me faz o favor, atenda o cavalheiro ali que está esperando há mais de meia hora...
- MARGARIDA- Já atendi. Só fui lá dentro tomar uma água com açúcar...
- TOBIAS- Mas que mania! Todo mundo nesta casa toma água com açúcar! O senhor examine o aparelho e veja o conserto que é preciso fazer. Se não puder consertar aqui, pode levá-lo para oficina. Vamos, meninas! (As três entram de sopetão)
- AS TRÊS- Nós decidimos não ir ao cinema!
- TOBIAS- O que?
- ESTHER- Já vimos o filme, seu Tobias.
- NONATA- Eu detesto ver filme duas vezes.
- ESTHER- E, pelo jeito, acho que vai chover...
- DULCE- Aliás, o filme não é tão bom assim...
- ESTHER- Prá dizer a verdade, achei uma boa droga...
- DULCE- É pura perda de tempo.
- NONATA- E nem chegamos mais na hora, já são quase duas...
- ESTHER- Além do que, meu marido não gosta que eu vá ao cinema com ele. Não fica bem, não é?
- NONATA- Eu acho uma pouca vergonha! Uma imundície! Uma torpeza!
- DULCE- E, além disso, tem a minha lição de canto, não é dona Esther?
- ESTHER- Claro, imagine, como é que fui no esquecer. (Sente-se ao piano) Vence meninas: um, dois, três e... Com bastante -



sentimento. (Começa a cantar)
(Dulce e Nonata começam a cantar também. As três, porém,
não tiram o olho de Rodolfo)

TOBIAS- Não se façam!... Estavam tão entusiasmadas para irem ver o
filho do outro lá, e agora já não estão mais interessadas!
Pois muito bem; agora, sou eu quem faço questão! Toca para
o cinema!

DULCE- Mas pai...

ESTHER- Seu Tobias...

NONATA- Seu Tobiaszinho...

TOBIAS- A porta é ali!

DULCE- (Para Nonata e Esther) - O que não me conformo é essa morfê-
tica ficar sozinha aqui com ele...

AS TRÊS- (Antes de sair) Gozados!

- x -

MARGARIDA- Que assanhamento! Só porque o senhor é o tal galã de cine-
ma!...

RODOLFO- Mas, então, elas estão pensando que eu sou um galã de cine-
ma? Se eu fosse mesmo quem elas pensam, não vivia conser-
vando rádios...

MARGARIDA- O senhor jura que não é o Rodolfo Valentino?

RODOLFO- Juro, minha senhora. Qualquer semelhança é mera coincidên-
cia. No nome e na aparência. Que culpa tenho eu se minhe-
rão resolveu botar meu nome de Rodolfo, e se o sobrenome de
meu pai era Valentim...

MARGARIDA- (Dilacerada) Bruto!

(Jorge entra. Vê Rodolfo. Para. Gira e fica estático)

JORGE- Ai, meu nervoso.

RODOLFO- Esse também?

MARGARIDA- Também.

RODOLFO- Então, fez favor, dona, mostra-me onde está esse bandido -
rádio.

MARGARIDA- Por ali, senhor. (Rodolfo sai)

JORGE- (Voltando devagar) Então a notícia era verdadeira! Dona -
Margarida, eu acho que vou ter um crise!

TOBIAS- (Entrando) Ah, dona Margarida, esqueci-me de prevenir que
não jantamos em casa. (Vendo Jorge) O que faz você aqui,
seu Jorge? Já acabou a cópia?

- MARGARIDA- Sim senhor. (Dona Margarida sai)
- JORGE- Eu ia tomar uma água com açúcar por causa do meu estomago... mas, agora, não vou mais... (Sai. Tobias sai atrás dando ordens a Jorge)
(As três voltam pé ante pé)
- ESTHER- Onde será que se meteu?
- DULCE- Sei lá... mas vamos procurá-lo...
- NONATA- Será que a megera não deu cabo dele?
(Encaminham-se para a porta por onde Rodolfo e Dona Margarida saíram)
- TOBIAS- (Entrando) Onde é que vocês vão?
- DULCE- Eu ia... eu ia recomendar a dona Margarida que não deixasse de dar comida ao gato...
- TOBIAS- Nós não temos gato.
- DULCE- Ah, é mesmo. Eu me esqueci.
- TOBIAS- Vamos embora. (Saindo)

- x -

- RODOLFO- (De dentro) Que é isso, minha senhora! Dê-se ao respeito! Onde já se viu uma coisa dessas! Eu estou trabalhando, minha senhora! Me solta! Socorro! Socorro!...
(Tobias e as três param lívidos)
- OS QUATRO- Que é isso!
(Rodolfo entra abraçando o aparelho de rádio)
- RODOLFO- Raio da velha mãe louca essa que me deixaram aqui! (Para Tobias) Essa mulher está no céu!
- TOBIAS- Que fez ela?
- RODOLFO- Eu estava trabalhando, ela veio por trás, avançou e me baixou!
- AS TRÊS- Oh!
- MARGARIDA- (Entrando desatinada) Bruto, malvado, não fuja!... (E de para com Tobias) Ah, estavam aí...
(As três desmaiam)
- TOBIAS- Não mais um passo, filha do satã!
(Jorge entra)
- JORGE- O que está acontecendo, minha N.ª do Bom Conselho?
- MARGARIDA- Mas eu não fiz nada...
- RODOLFO- A senhora aproveitou eu estar com as mãos ocupadas e desfechou sobre mim uma enxurrada de beijos.



(Jorge desmaia)

- MARGARIDA- O senhor tem a coragem de dizer uma coisa dessas?...
- TOBIAS- É inútil negar, mulher indigna; a prova está aqui bem nítida na face do cavalheiro! Portanto, prepara o que é teu e abandone esta casa que a senhora acaba de desrespeitar, - Messalina!
- RODOLFO- Se é por minha causa não vale à pena despedi-la. Não tem importância.
- MARGARIDA- (Para Tobias) Viu? Ele me desculpou.
- TOBIAS- Mas eu não! Aqui em casa exijo rigorosa moralidade. Fora! Saia já desta casa!
- MARGARIDA- O senhor não pode me mandar embora que eu tenho contratos!
- TOBIAS- Não respeito esse contrato. Saia enquanto antes ou não reponderarei pelos meus atos.
- MARGARIDA- Pois vou queixar-me ao Ministério do Trabalho.
- TOBIAS- Queixe-se ao diabo que a carregue!, mas saia!
- MARGARIDA- Não saio, não saio e não saio! (Sai)
- (Jorge voltando a si)
- JORGE- Só agora avalio o perigo que corri as vezes em que fiquei nesta casa só com essa senhora.
- (As moças estão voltando a si)
- TOBIAS- O senhor queira desculpar esse incidente.
- RODOLFO- Não tem importância. Só que eu não posso consertar o aparelho aqui. Vou levá-lo para oficina.
- TOBIAS- Vale a pena consertá-lo?
- RODOLFO- Vale. O rádio é bom.
- TOBIAS- Que tempo leva o conserto?
- RODOLFO- Uns dois, três dias...
- TOBIAS- Muito bem.
- RODOLFO- Então, adeu Tobias. (Despede-se)
- TOBIAS- Prazer em conhecê-lo, senhor, e, mais uma vez, desculpe-nos pelo incômodo.
- RODOLFO- Não foi nada, não foi nada... (Saindo) Senhoritas... Cavalheiro...
- (As três e mais Jorge abanam a mão lentamente. Logo que ele sai, um longo suspiro.)
- MARGARIDA- (nut. rol., ante) Leninas, vamos que já está na hora...



(As três olham para Jorge, que se dá conta. um
risinho amarelo, um baibaizinho com a ponta dos dedos para
as três e para Tobias.)

JORGE-

Té loguinho, amores. Té loguinho, seu Tobias. Divirtam-se.

AS TRÊS-

Vamos, papai.

TOBIAS-

Mas vocês, há pouco...

AS TRÊS-

(Agarrando Tobias) Vamos. (Saem)

- X -



(Inicia o ato com a lição de canto. Esther acompanha ao piano e Dulce canta)

ESTHER- (Levantando-se e tirando algodão dos ouvidos) Muito bem. Por hoje é só. E eu ainda tenho de ir dar lição a uma nova aluna que arranjsi.

DULCE- A senhora já tem tantas...

ESTHER- Mas nunca se sabe, minha filha. É preciso prevenir-me por causa das dúvidas. Meu marido está arriscando a perder um dos dois empregos, e aí...

DULCE- Mas a senhora não ganha bem com as lições que dá?

ESTHER- O que? Uma miséria!... Gritam horrivelmente nos meus ouvidos e ainda acham que me fazem um grande favor!... Quer saber de uma coisa? O rádio veio estragar-me o negócio!

DULCE- Pudera! É muito mais fácil sintonizar o rádio...

ESTHER- E, convenhamos, desafina muito menos. E, depois, quer que lhe diga a verdade? Estou vendo que muito breve terei de desquitar-me do meu marido.

DULCE- Não diga isso, professora!

ESTHER- Digo. Pelo caminho que as coisas estão indo, creio que o fim será esse.

DULCE- Não!

ESTHER- Sim! Nem quira saber as cenas de ciúmos que Arnaldo deu para fazer agora a todo momento. Ainda esta noite, só por que estava sonhando, e pronunciei alto o nome de Rodolfo - Valentino, meu marido acordou-me no meio da noite e fez um escarcéu tão grande que não pude dormir o resto da noite.

DULCE- Mas que imprudência! Sonhar alto com Rodolfo Valentino ao lado do seu marido!

ESTHER- E queria que fosse ao lado de quem? Ora, não foi por minha vontade. Que fazer? Vivemos e pensamos nels!... Ainda mais com o filme que vimos ante-ontem, avivou mais o meu pensamento.

MARGARIDA- (Entrando) Bom dia, professora. (Procura em todos os cantos, inclusive dentro do piano)

ESTHER- Bom dia. (Para Dulce) Bem, amorzinho, eu já vou indo... (Despedem-se)

ESTHER- Ainda que mal pergunto, o que está ali procurando dentro do piano?



- DULCE= É dona Margarida, o que a senhora quer aí,
- MARGARIDA= A cópia do meu contrato!
- DULCE= Mas que desfeçatez! Fiqua sabendo a senhora que é uma in_
desejável nesta casa. Vá embora que papai não a quer mais
aqui.
- MARGARIDA= Só se me indenizarem! Eu tenho um contrato, não esqueça,
e firmado!
- DULCE= (Para Esther) D. Margarida agora cianou com a droge do -
contrato... e não vai embora.
- MARGARIDA= Vou. Vou sim. Mas só depois de cumprirem as cláusulas. -
Comigo é assim: escreveu, não leu... NÃO é atos que meu no_
rido me deixou duas casas em Olaria... (Sai)
- * X *
- DULCE= Eu acabo apertando o pescoço dessa mulher!
- ESTHER= Não vale à pena. Bem, vou dar a minha ligação... (Procura
na bolsa) Não é que me esqueci de trazer um lenço!...
- DULCE= Se quer, empresto-lhe um dos meus... Dá licença que vou -
buscá-lo. (Sai)
- (Esther anda pela sala observando as fotografias de Rodol_
fo Valentino. Em dado momento, não se contém e taca um bigi_
jo numa das fotos. Nonata entra.)
- NONATA= Bom dia. Beijando retrato de homem, hein?...
ESTHER= Ah! Eu... eu estava vendo esta fotografia... (Disfarça,
comenta) Não se parece nada com o tal rapaz que conserta
rádios...
- NONATA= Também acho que não parece nadinha...
- ESTHER= Pois é... Com licença, amoreco, que vou buscar um lenço lá
dentro. (Sai)
- NONATA= (Sozinha) Se fosse eu, era porque sou assanhada, e não sei
que mais. Mas como é a prima-dona... a diva... a Galli -
-Curci dos pobres... A Tetrazzinni do Alto Xingu... ninguém
diz nada!...
- (Rodolfo entra)
- RODOLFO= Dá licença?
- NONATA= (Dá com ele e fica atacada) Ah! É o senhor?...
RODOLFO= Trago o aparelho radicalmente reparado.
NONATA= O... aparelho... reparado...
RODOLFO= Não era nada grave, mas de qualquer maneira precisava uma



nãozinha...

NONATA- (Quece desfalecendo) Precisava uma nãozinha...

RODOLFO- É... um ajustezinho...

NONATA- (Transportada) Um ajustezinho...

ESTHER- (Entrando) Muito obrigada, minha santinha, quando eu voltar aqui o restituo... (Vê Rodolfo) Ah! (Fica estatelada)

DULCE- (Entrando) Não tem importância, dona Esther... (Vê Rodolfo) Ah!

RODOLFO- Eu... eu... trouxe o rádio.

AS TRÊS- Trouxe o rádio...

RODOLFO- Já está consertado.

AS TRÊS- Consertado.

RODOLFO- Onde é que eu ponho?

AS TRÊS- Onde é que ele põe?

VOZ DE MARGARIDA- Nonôôôô!

AS TRÊS- (Caíndo em si) É a vampira!

MARGARIDA- (Entrando) Nonate: sua mãe está chamando! (Vê Rodolfo) É ela! Consertou o rádio?

RODOLFO- (Desconfiado) Já... só falta colocá-lo no lugar.

AS TRÊS- Colocá-lo no lugar... (Avançam e colocam sobre a mesa)

RODOLFO- (Para Margarida) Ah, é verdade: a senhora, por acaso, não encontrou uma chave de fenda que deixei ficar aqui outro dia quando vim buscar o aparelho?

MARGARIDA- (Apostótica) Uma chave de fenda?

AS TRÊS- Uma chave de fenda?

RODOLFO- É... a chave de fenda.

MARGARIDA- Infelizmente, não.

AS TRÊS- Infelizmente, não.

RODOLFO- Tenho idéia de a ter deixado ficar aqui.

MARGARIDA- Mas não deixou.

AS TRÊS- Mas não deixou.

RODOLFO- Sem a chave não posso instalar o aparelho...

MARGARIDA- Que pena!

AS TRÊS- Que pena!

MARGARIDA- Mas que droga! Pareu de repetir o que eu digo...



- RODOLFO- Pensei tê-la esquecido aqui quando vim outro dia buscar o aparelho...
- MARGARIDA- Não senhor.
- AS TRÊS- Talvez...
- MARGARIDA- Mas eu já disse que não está... Tenho certeza.
- AS TRÊS- Nunca se sabe. Vamos procurá-la.
- (As três procuram tenazmente, mexendo em tudo, num alvoroço irreprimido; aos poucos, elas vão se aproximando de Rodolfo, avançando lentamente)
- RODOLFO- Bem... eu... se me dão licença... eu vou até a oficina... buscar outra chave... não demoro... já volto... o rádio fica... adeuzinho...
- AS TRÊS- Gostoso!
- MARGARIDA- Gostoso!
- DULCE- Dona Margarida! Dê-se ao respeito! Onde já se viu? Se a senhora tivesse um pouco de brio, não devia sequer abrir a boca...
- ESTHER- É isso mesmo. E, vocês viram como ela ainda continua a insinuar-se ao moço, viram bem?
- NONATA- Vimos. Um horror!
- DULCE- E você, Nonatinha Godderd, se esqueceu que sua mãe estava chamando há mais de duas horas?
- NONATA- É mesmo. Mamãe deve estar uma fúria! Volto logo, viu?
- DULCE- Não precisa.
- NONATA- Mas eu volto assim mesmo. (Sai)
- DULCE- Essa é outra!...
- ESTHER- Você viu só os suspiros dela para o moço?
- DULCE- Não só vi, como ouvi! Uma indecência!
- MARGARIDA- Olha só quem fala! Uma nova e outra casada... e cada qual mais vagabunda!
- ESTHER- Não admito indiretas comigo! Eu sou uma senhora casada... e honestíssima!
- MARGARIDA- Já me disseram!
- ESTHER- Muito cuidado com essa língua!
- DULCE- Isto não pode continuar aqui em casa. A senhora faça o gentileza de ir embora o quanto antes.
- MARGARIDA- Tão depressa ache o contrato e entre em acordo com seu pai. Antes, nunca!



(Tobias entrando)

- TOBIAS- Que discussão é essa?
- DULCE- É esta senhora que além de estar nesta casa como uma intrusa, ainda se acha no direito de maltratar a professora!
- MARGARIDA- Não estou maltratando ninguém e não sou intrusa nenhuma!
- DULCE- Maltratou a professora e é intrusa!
- ESTHER- Estou tão humilhada!
- DULCE- (Para Esther) Deixa de fricote! (Para o pai) O senhor consente, papai, que na sua casa maltratem uma senhora? agredida por uma pessoa in-de-se-já-vel e que não tem sequer uma moral recomendável?
- MARGARIDA- Uma senhora viúva, independente e proprietária, tem o direito de praticar certos deslizes...
- TOBIAS- Mas não na minha casa! Quero aqui muito respeito!
- MARGARIDA- O coração não envelhece nunca!
- TOBIAS- A senhora é uma matrona descontrolada, desavergonhada, que recebeu há três dias ordem minha para se ir embora desta casa... e ainda não foi.
- MARGARIDA- Tenho um contrato.
- TOBIAS- Pois meta seu contrato... na algibeira, que o seu procedimento incorreto já o anulou há muito.
- MARGARIDA- O senhor é que pensa que o contrato está nulo? Deixa-me achá-lo e vou mostrar-lhe!
- TOBIAS- Não percamos tempo em conversas inúteis. A senhora ponha-se a andar. Depois, se quiser, faça valer o seu contrato.
- MARGARIDA- Sem achar o contrato, não saio.
- TOBIAS- (Fera de si) Não me torne um assassino, dona Margarida.
- MARGARIDA- Pode saciar a sua ferocidade contra o seio indefeso de uma pobre mulher! Vem! Vem!
- TOBIAS- (controlando-se) Agora não estou disposto! Obrigado! (Para si) Um dia ainda chupo a carótida dessa mulher...
- MARGARIDA- (Saindo) E foi por isso que meu marido me deixou duas casas em Glória... (Sai)

" X "

- TOBIAS- (Para Dulce e Esther) E tem mais: Não basta ela ir embora, temos também que por um paradeiro e outros abusos... Depois conversamos. (Vê o rádio) Ah! o rapaz já trouxe a rd



filio?

AS DUAS- Não!!!

TOBIAS- É porque deixou o aparelho aqui na sala?

DULCE- Ele já volta num instantinho. Foi buscar a chave da porta, que supunha ter deixado aqui. (Tobias examina o rádio)

ESTHER- Ele volta, e eu não tenho um pretexto para ficar... nem voltar... (Inspirada) Ah! (Tira de dentro da pasta um caderno de música e deixa-o no piano)

NONATA- (Entrando) Não disse que não demorava? Onde é que ele está?

ESTHER- Quem?

NONATA- Ora, quem há de ser? (Motivada) Ele...

ESTHER- Saiu... mas volta.

NONATA- Então, eu fico?

ESTHER- E eu, se me permitem, retiro-me.

TOBIAS- Pois não, professora, até a vista.

ESTHER- Até mais ver, seu Tobias.

DULCE- Adeus, dona Estherzinha...

ESTHER- Adeusinho, amoreco...

NONATA- Sai-bai, amor...
(Dulce acompanha Esther à saída)

TOBIAS- (A Nonata) Já veio da escola?

NONATA- Não tive aula hoje.

TOBIAS- E não tem nada que estudar? Nada para fazer na sua casa?

NONATA- Não, senhor.

TOBIAS- Raios me partam... que não se tem sossego nem na própria casa!

DULCE- (Entrando) Que foi papai?

TOBIAS- Eu dizia... (Frisa) que não se tem sossego nem na própria casa!
(Nonata lixa as unhas como se não fosse com ela)

TOBIAS- De agora em diante esta casa vai entrar nos eixos. A tua professora de canto e algumas outras pessoas que costumam frequentar a casa permanecerão aqui o menor tempo que seja possível. Elas é que são causadoras das tuas constantes brigas com o teu noivo.

DULCE- Não diga isso, papai! O Carlos é que é um chato, e está-se tornando insuportável com exigências e ciúmos...



- TOBIAS- Tratem de acabar com essas brigas, que isso não tem graça..
- DULCE- A culpa não é minha.
- TOBIAS- E essa dona Margarida vai cair na rua e não me entra mais aqui em casa! (Jorge entra atrozadíssimo) Não entra! - (Jorge só ouve as últimas palavras, para, levanta o dedo - como quem pede a palavra) - Não entra! Já disse e repito - que não me entra mais aqui nesta casa! (Jorge sacode os ombros, dá meia volta e sai; quando está saindo Tobias o - vê)
- TOBIAS- Senhor Jorge!
- JORGE- Ai, meu nervoso!...
- TOBIAS- Nem chegou e já vai embora?
- JORGE- Mas o senhor mesmo...
- TOBIAS- Que é que tem eu?
- JORGE- O senhor disse que eu não entrasse...
- TOBIAS- Não era com você que eu falava, imbecil!
- JORGE- Ah, bom. Também, o senhor não explica... eu entrei, ouvi - quando o senhor disse para não entrar, aí eu peguei...
- TOBIAS- Sim, sim, sim, já sei, chega! Então, sr. Jorge, isto são horas? Pensei que tivesse morrido.
- JORGE- Cruz, credo, vira essa boca prá lá! Que coisa mais agou - rente!...
- TOBIAS- Impontual, relapso, vadio e...
- JORGE- Não precisa terminar, seu Tobias, todo mundo já sabe.
- TOBIAS- Afinal, onde está a cópia do contrato? Olhe, seu Jorge, - faz mais de uma semana que o senhor...
- JORGE- (Vendo o rádio) Mentira!
- TOBIAS- O que é mentira, seu Jorge!
- JORGE- Já trouxeram o rádio?... Consertado?
- TOBIAS- Deixa lá o rádio, ande. Vá trabalhar!
- JORGE- Como o senhor está violento hoje!
- TOBIAS- Vá trabalhar!
- JORGE- Que bela atitude dramática, seu Tobias! Sabe com quem pa - rece?
- TOBIAS- Vá tra-be-lhar!
- JORGE- Com Lon Chaney!
- TOBIAS- Vá...



JORGE- trabalhar, já sei. Bem que a mamãe dizia: com quem padece! Enfim, o que que a papá vai fazer? Quem nasce classe média, morre classe média... o jeito é trabalhar... (Sai)

TOBIAS- Ô sujeitinho descarado! Mas hoje ele me tirou a cópia do contrato, nem que...

JORGE- Nem que o quê?

TOBIAS- VÁ TRABALHAR!

JORGE- Ai, meu nervoso! (Sai)

TOBIAS- (Sai atrás) Faz mais de dez dias que o senhor...

- x -

(Carlos entra)

CARLOS- Bom dia.

DULCE- Bom dia. Esteve doente?

CARLOS- Não.

DULCE- Como não veio ontem...

CARLOS- É que ante-ontem saí daqui muito aborrecido. (Aproxima-se de Dulce, tenta beijar-lhe a mão)

DULCE- Sosega o pariquito!

CARLOS- E você vai passando bem?

DULCE- Maravilhosa, satisfeita, alegre...

CARLOS- Pode-se saber porque tanta alegria?...

DULCE- Não senhor, não pode.

CARLOS- Então, você tem um motivo oculto para viver satisfeita, hein?

DULCE- Já vai começar? Essas cenas de ciúmes não me agradam nem um pouco. Aquela sua maneira de proceder, por exemplo - ante-ontem, não é própria de um rapaz fino, educado, bem-posto na vida, etc. e tal...

CARLOS- Perdoe-me, meu anjo dulcíssimo! Este meu temperamento impulsivo... O excesso de estudo está me deixando neurastênico!

DULCE- Coitado! Pois trate a tempo da neurastenia, que pode levá-lo ao suicídio...

CARLOS- Dulce, meu amor, não recomece com ironias...

DULCE- Escuta Carlos. Você bem sabe que eu gosto de você. Nós poderíamos nos dar bem...



CARLOS- E por que, então, me contraria, Dulce? Não lha podia tantas vezes que não vá ao cinema sem mim?

DULCE- (Num ataque de fúria) Mas eu não estou dizendo?

CARLOS- Está vendo? Não lhe posso dizer a menor coisa que se exalta logo!

DULCE- E com razão! Quer, talvez, que eu passe minha mocidade trancafiada em casa, enquanto você vive por aí se divertindo... nos cabarets... nos saraus... nos 'footings'... em companhia de alguma zinha... uma dessas... dessas... dessas... dessas.

CARLOS- Não é verdade. Só saio de casa quando venho aqui ou vou à Escola. Meu tempo é todo ele para estudar.

DULCE- Eu também estudo música. Canto. Bel-canto! Arte Lírica! Melodrama! o que não impede que procure me distrair de vez em quando...

CARLOS- ... nos cinemas!

DULCE- (Não se contendo) Mas que mania! Que coisa obsessiva, neurótica!

CARLOS- A sua intransigência e a frieza com que me trata agora... me leva a crer...

DULCE- Que eu esteja apaixonada por outro!

CARLOS- Por outro?

DULCE- Pelo Rodolfo!

CARLOS- Rodolfo?

DULCE- Será que você tem ciúmes do Rodolfo?

CARLOS- Precisamos ter uma explicação.

... x ...

(Entra Arnaldo. Apressado. Consultando o relógio)

ARNALDO- Bom dia.

DULCE- Oh, seu Arnaldo. Como vai o senhor?

ARNALDO- Bom, obrigado. E o senhor seu pai, está?

DULCE- Sim, senhor. No escritório.

ARNALDO- (Cumprimentando Carlos) Como está?

CARLOS- Mal.

ARNALDO- (Que não prestou a menor atenção) Folgo sabê-lo.

DULCE- Quer que vá chamar papai?

ARNALDO- Absolutamente. Não desejo incomodá-lo. Gostaria de falar -



com Esther.

- DULCE- Dona Esther já esteve hoje aqui. Veio para aula?
- ARNALDO- Mas não está agora.
- DULCE- Saiu há um quarto de hora, se tanto. Creio que só voltará depois de amanhã.
- ARNALDO- Depois de amanhã... Mas o o compêndio?
- DULCE- Que compêndio?
- ARNALDO- De música, ali, sobre o piano?
- DULCE- Oh, esqueceu-o!... Quer dizer que volta para buscá-lo, com certeza.
- MARGARIDA- (Entrando, procurando) Não há meio de encontrá-lo! Nem a professora pró Santo Antonio deu resultado!...
- ARNALDO- Bom dia, dona Margarida.
- MARGARIDA- Sua mulher esteve aqui hoje.
- ARNALDO- Já sei.
- DULCE- Mas quem lhe perguntou alguma coisa, dona Margarida?
- MARGARIDA- Ninguém. Mas me deu vontade de informar a este cavalheiro, por que? Alguma objeção?
- DULCE- Sim, todas. A senhora, afinal, vai ou não vai embora?
- MARGARIDA- Só quando terminar o contrato; no fim do ano!
- DULCE- Pois papai vai dizer-lhe já já se a senhora vai hoje ou no fim de ano! Com licença, sou Arnaldo. (Sai)

- x -

- MARGARIDA- Educada, a moça, não é? Pensa que eu meto nada com o pai. Aquele frouxo... Mas ali que não se faça de boia... não me faça falar coisas que sei... Ih, cala-te louca!
- CARLOS- (Que ouviu) Ela sabe coisas! Vou interceptá-la! (Para Margarida) Senhora dona Margarida, por fineza...
- MARGARIDA- Que quer?
- CARLOS- (Levando-a pelo braço para o fundo) Faça o favor...
- ARNALDO- (Consultando o relógio) E ou ter de esperar por aquela mulher sem compostura, aquela traidora, quando só disponho de quarenta minutos para entrar na repartição, tendo ainda que almoçar antes. (Para si) Mas quem será esse Rodolfo com quem ela sonhou esta noite? (Vê Carlos e Dona Margarida que conversam) Será que essa dona Margarida sabe de alguma coisa? É possível de caso...



MARGARIDA- Eu não sei de nada... eu sou um tómuló... não digo nada... nada!

ARNALDO- (se aproxima) Podia dar-me uma palavrinha em particular, dona Margarida?...

MARGARIDA- (desconfiada) Que que o senhor quer?

ARNALDO- A senhora... bem... eu prometo guardar o máximo sigilo do que vai me dizer...

MARGARIDA- Mas o que que o senhor quer saber?

ARNALDO- Esta casa é frequentada por um senhor, chamado Rodolfo, e que conversa com minha mulher?

MARGARIDA- Escuta aqui; o senhor acha que me presto a debiques? Fi... que sabendo que eu sou uma viúva honestíssima, proprietária de duas casas em Olaria, viu? Era só o que faltava... - (sai)

- x -

ARNALDO- Essa dúvida atrozi

CARLOS- (Que estava na janela esse tempo, numa explosão) Não sa... ber quem é esse miserável Rodolfo, é horrível!

ARNALDO- Que Rodolfo?

CARLOS- Isto quero eu saber! Tenho a felicidade ameaçada por esse infame sedutor!

ARNALDO- Será o mesmo?

CARLOS- O mesmo, o que?

ARNALDO- É que Esther, de há tempos para cá, começou a tratar-me com indiferença, recebendo-me friamente... o senhor sabe...

CARLOS- Pois o mesmo está sucedendo com minha adorada Dulce. Dea... confiava que um outro lhe preocupava o pensamento e acabo de ter a dolorosa confirmação; chama-se Rodolfo!

ARNALDO- Será pessoa que frequente a casa?

CARLOS- Como poderemos saber?

ARNALDO- Ah! Levanta-te, vingança negra do fundo do inferno! Cede, - ó amor, tua coroa e o coração entronizado à tirania do ó... dio! Enfuma, peito, pois o que tu encarias não passa de - línguas de áspides!

CARLOS- Fazer de mim a imagem fixa que o escárnio do mundo assina... laré com o ponteiro lento mas inexorável!... O céu tapa o nariz e fecha os olhos! O vento lascivo, que beija tudo o que encontra, esconde-se nos entros profundos da terra para



não escutar!...

- ARNALDO- Mata-lo-ei, se preciso for! (Consulta o relógio) O diabo é que só disponho de trinta e cinco minutos para assinar o ponto.
- JORGE- (Entrando) Bom dia, senhores.
- ARNALDO- (A Carlos) Seu Carlos, eis aí quem nos vai desvendar o mistério!
- CARLOS- (A Arnaldo) Mas que idéia magistral, seu Arnaldo!
- VOL. DE TOBIAS- Seu Jorge!!! O contrato!!!
- JORGE- Ai meu nervoso! Um instantinho, seu Tobias, só vou preparar a minha água com açúcar!
- CARLOS- É Jorge, meu amigo...
- JORGE- (Desconfiado) O que é que você quer de mim?
- ARNALDO- Precisamos que você nos dê uma prova cabal de sua amizade.
- JORGE- (Para si) Assim é que eu gosto: nada de rodeios! (Para os dois) Eu dou sim, seu Arnaldo, só que agora eu vou preparar uma água com açúcar por causa do meu nervoso, e depois tenho que acabar de bater aquele contrato murrinha, mas às sete horas...
- CARLOS- (Cortando) Desde já tomamos o compromisso sagrado de não revelar a ninguém o que vai acontecer entre nós.
- JORGE- Só se for por causa da reputação dos senhores, porque se for pela minha... coitada...
- ARNALDO- Seu Jorge, pode ter certeza que tudo ficará entre nós três.
- JORGE- Três? Que depravação divina!... Mas quem diria, hein?... Um noivo e outro casado!... Muito bem; onde e quando?
- CARLOS- Aqui, agora.
- JORGE- Aqui?
- ARNALDO- Claro.
- JORGE- Agora?
- CARLOS- Sim, seu Jorge, é rápido, não pretendemos tomar o seu tempo.
- JORGE- (Para si) Afinal, conseguiram me chocar!
- ARNALDO- O negócio, seu Jorge, é que minha mulher está de cabeça virada por um tal de Rodolfo, que não sei quem seja.
- CARLOS- E Dulce também está apaixonada por esse mesmo sujeito.
- JORGE- (Arriscando) E... os senhores... na verdade... desejam...
- CARLOS E ARNALDO- Saber quem é o biltre!



JORGE- Já que alívio!

ARNALDO E CARLOS- Alívio?

JORGE- (Recompondo-se) Então os senhores não sabem quem é esse tal de Rodolfo?

ARNALDO E CARLOS- Não.

JORGE- Bem que a mamãe dizia: 'Bicha burra nasce homem!' Mas todo mundo sabe!

ARNALDO- Todo mundo sabe? Estou desmoralizado!

CARLOS- E eu sou o último a saber, apesar de ainda nem estar casado!

ARNALDO- Quem é, seu Jorge, diga.

CARLOS- Sim, diga, sem receio.

JORGE- (Faz suspense) É... é... um homem divino!

CARLOS E ARNALDO- Não!?...

JORGE- Mas não se preocupem que ele está muito longe. (Para si) Infelizmente! (Para eles) Nenhum de vocês corre perigo... pelo menos, por enquanto.

CARLOS- Mas quem é ele? Fala de uma vez!

JORGE- É o astro cinematográfico de nome Rodolfo Valentino! Estão satisfeitos?

ARNALDO- Não, deve ser outro, um que frequenta esta casa.

CARLOS- Elas não iam estar apaixonadas assim por um homem que nunca viram nem falaram.

JORGE- (Suspira) Vocês não conhecem as mulheres...

ARNALDO- Tem de ser uma criatura real, palpável e bem falante.

CARLOS- Não vem aqui ninguém com o nome de Rodolfo?

JORGE- Deixa eu ver... Rodolfo... Rodolfo... (Dá um grito) Ah! Já sei... Só se for o mecânico que veio consertar o rádio, um homem rude, de modos viris, sem polimento, sabe? - um pouco proletário pro meu gosto, mas, enfim...

ARNALDO- É esse mesmo?

CARLOS- Bem tenhamos a menor dúvida!

JORGE- Então, tequelas dadeiras ^{corle} sem-vargonha...

CARLOS- Onde podemos encontrá-lo?

JORGE- Eu creio que não deve demorar a surgir por aí... para a alegria de todas nós...

CARLOS- Chegou a hora de nossa vingança!

ARNALDO- (Que consulte o relógio) Está chegando é a hora de eu en...



trar na repartição. Só tenho vinte e sete minutos.

CARLOS- Vou beber qualquer coisa para criar coragem e voltar. Acompanha-me?

ARNALDO- Num sanduíche pare abater a fome!... Vamos.

CARLOS- Vamos.

JORGE- Pode-se saber o que é que os bofes vão fazer?

CARLOS E ARNALDO- Vendetta!!!

JORGE- Ai meu nervoso! E euzinho aqui é que fui fazer a fofoca! Binha N. S. do Bom Conselho... Como sofre quem padeca... (Sai)

- x -

TOBIAS- (Entrando) Ô Carlos...

DULCE- (Entrando) Com certeza já foi embora.

TOBIAS- Fiveste outra briga com ele?

DULCE- Não tivemos briga alguma, papai. Se ele foi embora foi por que quis. Deixe lá o Carlos, que ele volta. O que o senhor tem a fazer é por essa mulher no olho da rua e já. - Ela insultou-me diante de pessoas estranhas, e eu não posso continuar nesta situação humilhante. O senhor escolhe: ou sai ela, ou saio eu!

TOBIAS- Deixe-se de tolices, menina. Onde está ela?

DULCE- Deve estar lá dentro. Use energia, papai! Seja homem! O senhor é o dono da casa. Vamos intimá-la a sair.

TOBIAS- Você me deixa zozzo...

DULCE- Escorrecamo-la daqui... Vamos... (Saem)

- x -

(Rodolfo entrando)

RODOLFO- Ninguém à vista. Ô de casa!

MARGARIDA- (Entrando) Não tenho necessidade... com duas casas em Olaria...

RODOLFO- Ah, senhora, não achei a chave na oficina. Tenho a certeza de que ficou por aqui...

MARGARIDA- (Furiosa) Só se a esconderam para me comprometer. O que eu não duvido... mas eu me vingarei!... Ah, se me vingarei!

RODOLFO- (Apanhando uma pequena chave na pasta) Vou ver se me arranja com esta pequena...



MARGARIDA- Experimente...

RODOLFO- (Apanha o rádio sobre a mesa e encaminha-se para a porta. Margarida ameaça acompanhá-lo, ele hesita) E... Hmm... por acaso... estamos sozinhos em casa?...

MARGARIDA- Deixe-se lá de frescuras, seu Rodolfo. Não estamos sozinhos e não pretendo atacá-lo novamente... pelo menos nesta casa, que deixarei a todo momento.

RODOLFO- Quer dizer que a senhora pretende...

MARGARIDA- Pretendo, e por causa disso mesmo preciso ter uma conversinha particular com o senhor.

RODOLFO- Particular?

MARGARIDA- Negócios.

RODOLFO- Bom... que tipo de negócios?...

MARGARIDA- O senhor também entende de eletricidade, pois não?

RODOLFO- Alguma coisa, alguma coisa. Por que?

MARGARIDA- É que quero fazer uma nova instalação elétrica nas minhas casas da Olaria, sabe?

RODOLFO- Suas casas?

MARGARIDA- Duas... Que deixou-me o falecido Antonio Hilário...

RODOLFO- Em Olaria?

MARGARIDA- Sim, senhor, em Olaria.

RODOLFO- Interessante...

MARGARIDA- Pois não é? Venha, senhor Rodolfo, enquanto coloca o rádio, conversemos...

RODOLFO- (Para si) Nada mau como investimento!...

MARGARIDA- Bendita idéia, Antonio Hilário, de deixar-me as duas casas de Olaria!... (Saem)

- x -

(Dulce entrando com Tobias atrás)

DULCE- Ela deve estar na sala de jantar. Vamos lá, papai.

TOBIAS- Calma, menina, deixe-me, ao menos, tomar ar.

DULCE- Enquanto não var essa mulher no olho da rua não sossego!
(Entra Esther)

ESTHER- Ah, desculpem-me. Tive de voltar. Parece que deixei ficar aqui o compêndio de música.

TOBIAS- Está ali sobre o piano, minha senhora. Boa tarde!



DULCE- Um momentinho, professora, que já voltamos.

ESTHER- Mas, o que há?

TOBIAS- Um assunto que vamos resolver.

DULCE- Não perca mais tempo papai.

TOBIAS- Já vou, já vou.

DULCE- Se a senhora ouvir um bruto escândalo, não repare, que é - papai agindo... Vamos.

TOBIAS- Que é isso, menina... Modos...

- x -

ESTHER- Um escândalo? Não posso perder. (Encaminha-se para dentro)

(Entra Nonata)

NONATA- Oh, professora! A senhora voltou?

ESTHER- Esqueci o compêndio de música, amoreco... (Beijam-se)

NONATA- Esqueceu, hein?... (Repara) O rádio não está mais em cima de mesa, donde... ele está lá dentro!

ESTHER- É possível.

NONATA- Com sua licença que vou dar uma olhadinha.

(Entra Margarida)

MARGARIDA- Vou-me embora, mas eles vão ver quanto vai custar a brincar de mais... Imagine... Logo a mim, que tenho duas casas em Olaria...

NONATA- Que foi dona Margarida?

MARGARIDA- Aquelo ~~velho contrato~~ ^{contrato} para satisfazer os caprichos da filha, quer que eu vá embora. E eu não sei onde puz a cópia do contrato...

ESTHER- (Como quem não quer nada) E o rádio, dona Margarida?

MARGARIDA- Se quer saber do senhor Rodolfo, está lá dentro instalando o aparelho.

NONATA E ESTHER- E a Dulce?

MARGARIDA- Borboleteando em volta.

NONATA E ESTHER- Cadela!

MARGARIDA- Vou contar ao noivo! Ah, se vou... (Para si) Mas onde será que puz o maldito contrato.

NONATA- Dá licença, lindeza, eu vou entrar para vê-lo instalar o aparelho.

ESTHER- Não não, amorzinho, eu também vou.

COM CORTES



NONATA- Mas não precisava...
ESTHER- Mas eu vou assim mesmo.
(Arnaldo entra)
ARNALDO- Onde vai, ó Esther?
ESTHER- (Dando meia volta) Raioe me partam!
NONATA- Das vantagens do celibato! Tchau, amoreco!... (Sai)

- x -

ESTHER- (Furiosa) Que é que você quer?
ARNALDO- (Meio entalado com um sanduiche) Espera... só engolir... que sanduiche mais seco... (Vê o relógio) Só tenho onze minutos...
ESTHER- Além de ridículo, porco!
ARNALDO- (Sacudindo as migalhas) Estes sanduiches são tão secos.
ESTHER- Diga de uma vez o que quer de mim! Que coisa mais rastaqueza! Onde eu vou, lá está o vampiro atrás de mim! Eu já não suporto esses vexames...
ARNALDO- E eu não suporto a idéia de teres um amante!
ESTHER- (Estupefata) O que? Tens consciência do que estás dizendo? Pelo que posso deduzir... está de porre, pois não?
ARNALDO- Só tomei uma cerveja. Pode ficar descansada, não estou em brigado. E estou aqui para acabar de uma vez por todas com esse miserável Rodolfo, com quem tanto sonhas...
ESTHER- Cala a boca, animal!... Não vêes que estamos em casa de estranhos?...
ARNALDO- Quero saber onde está o Rodolfo!
(Tobias entra)
TOBIAS- Está lá dentro instalando o rádio!
ESTHER- (Disfarçando) Ah, esta é?...
ARNALDO- Está lá dentro?
ESTHER- Arnaldinho, meu amor, você já escolheu seu presente para o próximo Natal?
ARNALDO- Está na hora!... Está na hora!...
ESTHER- ... na hora de irs para a repartição, amoreco...
ARNALDO- É verdade! (Consulta o relógio) Faltam apenas sete minutos...



ESTHER- O tempo justo de chegares na hora...
TOBIAS- A senhora não quer entrar, ir ver instalar o rádio? Dulce está lá.
ESTHER- ... ou vou... O senhor não imagina como eu gosto de ver - instalar rádios...

ARNALDO-

Esther...

ESTHER-

(Saindo) Amor; não vás perder a hora de ponto! Isto pode levar-te a ser desacumulado. Imagina!... Com sua licença, meu Tobias! (SAI)

- x -

(Carlos entra)

CARLOS-

(Visivelmente embriagado) Agora trago um carregamento de coragem! Estou a ponto de assassínio!

TOBIAS-

Que significa isso, seu Carlos?

CARLOS-

Significa, meu preclaro ex-futuro sogro, que venho disposto a liquidar o vil sedutor de minha ex-noiva...

ARNALDO-

Ele está lá dentro!

CARLOS-

Ah! Vamos, então, à carnificina...

TOBIAS-

Você está bêbado!...

CARLOS-

Quer que lhe confesse com a máxima sinceridade? Estou bêbado. Vamos.

TOBIAS-

Isto é uma indignidade! Uma ameaça! Eu não consinto!... - logo aqui na minha casa! Retire-se imediatamente!

CARLOS-

Não sem antes saciar a minha sede de vingança!... Atacar!

ARNALDO-

Minha mulher sonhou cantando com o nome desse vilíssimo Rodolfo!

CARLOS-

E Dulce confessou-me a sua paixão pelo biltre! Atacar!

TOBIAS-

Mas, senhores, ouçam-me, por favor: os senhores estão estupidamente equivocados... De maneira alguma o cavalheiro que está já dentro colocando o rádio...

(Rodolfo entra. Atrás dele as três)

RODOLFO-

Pronto, seu Tobias, o rádio está colocado.

ARNALDO E CARLOS-

Eis o sedutor!

RODOLFO-

Senhores, desculpem, mas...

ARNALDO E CARLOS-

Vendetta! Vendetta!

(Atiram-se sobre Rodolfo. As mulheres procuram proteger Rodolfo. Tobias idem. Jorge que veio correndo por causa



do barulho, rodopia, borboleteia, dá gritinhos. Margarida aparece, vê a cena, sai e retorna com um trabuco na mão.)

- MARGARIDA- Mãos ao alto! (E estira)
(Os dois agressores abandonam Rodolfo e fogem)
- ARNALDO E GARIBOLDI- Sr. A Policial! Fugamos... (Saem)
- DULCE- Que desgraça!
- ESTHER- Que vergonha!
- NONATA- Que horror!
- AS TRÊS- (Cercando Rodolfo) Sr. Rodolfo! Sr. Rodolfo! Oh! Está morto!
- MARGARIDA, JORGE E TOBIAS- Morto?
- AS TRÊS- Desgraçadamente, morto!
- RODOLFO- (Voltando a si) Ai...
- TODOS- Está vivo! Graças a Deus!
- TOBIAS- (Indo até a porta ou pela janela) Seus criminosos! Salvem-se! Marginais! Nunca mais ponham os pés nesta casa! Sôcia de meirinhos! Alcatôia de sanguessugas!
- DULCE- (Indo até Margarida) Muito obrigada, dona Margarida... (Beija-lhe as mãos) É do fundo de um coração banhado em lágrimas de sangue que eu lhe agradeço ter salvo a vida desse infeliz e formoso mancebo... (Beija repetidas vezes as mãos de Margarida)
- MARGARIDA- Diabos me carreguem se eu estou entendendo alguma coisa.
- DULCE- (Altruista e magnânima) E não precisa ir mais embora!
- MARGARIDA- Deus me livre de ficar mais um segundo nesta casa!
- DULCE- Fique, dona Margarida!
- MARGARIDA- Não.
- ESTHER E NONATA- Fique, nós lhe pedimos.
- MARGARIDA- Não.
- TOBIAS- Fique...
- MARGARIDA- Não.
- JORGE- Fique, miosotis.
- MARGARIDA- Não fico!
(Todos cercam Margarida pedindo que fique. Margarida para se livrar da insistência, pega a arma e dispara novamente. Algazarras, desmaios, gritos, uma loucura estabelecida.)



3º ato

RODOLFO- Então, quer renovar as instalações elétricas das casas?

MARGARIDA- Elas estão valendo mais de 50 contos!

RODOLFO- Nada mal! Nada mal! Já compensa o sacrifício...

MARGARIDA- Que tal irmos os dois, agora, ver as propriedades?

RODOLFO- Vamos, sim; tomamos o trem.

MARGARIDA- Que trem, seu Rodolfo? Vamos de automóvel!

RODOLFO- De automóvel? Com a senhora?

MARGARIDA- (Suspira) As vezes a felicidade está mais perto do que se imagina, seu Rodolfo... Vou me mudar, não demoro.

DULCE- (Entrando) Oh! o sr. está aí?...

RODOLFO- Sim, senhorita, vim receber o conserto do rádio.

DULCE- (Querendo se ver livre de Margarida) Já avisou a papai que seu Rodolfo...?

MARGARIDA- Seu pai já sabe.

DULCE- Ah, bom. E... a senhora já viu em que desordem está a sala de jantar?

MARGARIDA- Não me interessa. Vou sair agora.

DULCE- Vai sair?

MARGARIDA- Vou. Eu e o senhor Rodolfo. Vamos visitar as minhas propriedades em Olaria...

DULCE- Mas, papai deu licença para a senhora sair?

MARGARIDA- E eu preciso de licença de seu pai para sair? Você e seu queridíssimo pai não se fartaram de me mandar embora? Pois é, agora eu vou.

DULCE- Mas, dona Margarida, foi um mal entendido. Não lhe pedi mas tanto ontem que ficasse? Não ficou resolvido?...

MARGARIDA- Mas eu pensei melhor e decidi ir.

DULCE- E o contrato que a senhora tem para ficar até o fim do ano?

MARGARIDA- Não achei a cópia. Além do mais, está nulo, segundo seu precioso pai.

DULCE- Mas dona Margarida...

MARGARIDA- Senhor Rodolfo, espere um pouquinho que não demora. Com licença. (Sai)



DULCE- O senhor que não se fie no que diz essa senhora, ela tem mania de grandeza, sabe?

RODOLFO- Então, será que ela não tem as duas casas em Olaria?

DULCE- Duas casinhas muito fuleiras, que qualquer vento leva.

RODOLFO- Mas fica o terreno...

DULCE- Há mais de duas horas de trem...

RODOLFO- Não vemos de automóvel.

DULCE- E o senhor tem coragem de se meter sozinho num automóvel - com essa vampira decrepita?

RODOLFO- Não há perigo. Ela sabe investir bem... Além disso, já está convencida de que não sou Rodolfo Valentino... (Malicioso) E a senhorita, não está também convencida disso?

DULCE- Estou. (Provocante) O que não impede de... (Avança para Rodolfo)

(Tobias entra)

TOBIAS- Aqui estão cento e cinquenta mil réis.

RODOLFO- Sim, senhor.

TOBIAS- Salgadinho, o preço, né seu Rodolfo?

RODOLFO- O material está muito caro. Só as duas lâmpadas...

TOBIAS- Está bom, está bom. Enfim, como o senhor foi ontem agradido aqui, o que me cobrou a mais representa uma justa indenização.

RODOLFO- Não foi nada...

TOBIAS- Acha mesmo? Pois agora que o amigo está pago e satisfeito, a porta que dá para a escada pela qual se desce até a rua é aquela. (Indica)

RODOLFO- Quando o senhor precisar novamente de reparar o rádio...

TOBIAS- Chamo outro.

DULCE- Por que papai?

TOBIAS- Este cavalheiro tem o inconveniente de se parecer com os outros, o que é muito desagradável.

RODOLFO- Mas, senhor, não é culpa minha...

TOBIAS- O senhor, provavelmente, deve ter muito o que fazer na sua oficina, portanto, não se prenda mais. Boa tarde.

RODOLFO- Mas estou a espera daquela senhora.

TOBIAS- Que senhora?

DULCE- Dona Margarida. Ela vai mostrar-lhe as casas de Olaria.



RODOLFO- Ela quer fazer instalações elétricas...

TOBIAS- Parece que o senhor vai se instalar bem na vida, hein? -
que argúcia a do rapazinho... e que repidez...

RODOLFO- Foi ela quem me convidou...

TOBIAS- Pois aproveite...

RODOLFO- Já estou esperando...

TOBIAS- Pois espere na calçada.

RODOLFO- Mas...

TOBIAS- Se o senhor estivesse andando já estava no ponto de espe-
ra.

RODOLFO- Nem... com licença. (Sai)

- X -

DULCE- Sabe, papai, que dona Margarida está-se aprontando para ir
embora?

TOBIAS- Já não é sem tempo.

DULCE- E o senhor quer que eu fique sozinha nesta casa sem uma
companhia?

TOBIAS- Não ficará só muito tempo. Vou apressar teu casamento. -
Mandei chamar Carlos para tratarmos disso.

DULCE- O senhor mandou chamá-lo depois do que fez ontem?

TOBIAS- Mandei, sim senhora. Ou era sua intenção desmanchar o casa-
mento por causa de uma leviandade praticada sob a ação do
álcool?

DULCE - Não, mas...

TOBIAS- Portanto, mandei chamar sim. Casa-se o mais depressa pos-
sível e me deixa em paz! Vamos aproveitar a saída de dona
Margarida e correr aqui de casa com a maluca da tua profes-
sora de canto e com essa sirigaitazinha aí de cima. Quero
moralidade nesta casa!

DULCE- O senhor devia dar parte no Ministério para obrigar dona -
Margarida a cumprir o contrato.

TOBIAS- Por falar em contrato: o Jorge terá terminado a cópia? -
Ele esteve hoje aqui?

DULCE- Que eu visse, não.

TOBIAS- Ah! se eu pego esse bicha... nem sei o que faço...

DULCE- Papai, o senhor vai deixar dona Margarida ir embora?



TOBIAS- Ela que vá para o diabo que a carregue! (Sai)

- X -

(Dulce corre à janela)

DULCE- E não é que os dois vão mesmo de automóvel?!...

(Nonata entra)

NONATA- Que é que você tem?

DULCE- Estou furiosa! Você sabe que a dona Margarida vai embora?

NONATA- E você queria que ela fosse?

(Esther entra)

ESTHER- (Traz um jornal) Bom dia.

DULCE E NONATA- Bom dia, professora.

ESTHER- Estou indignada! Ultrajada! Magoada! Revoltada! Imaginem que o Rodolfo Valentino não vem mais ao Brasil! Cancelaram, diz o jornal!

DULCE- Que me importe!

ESTHER- O que é que ela tem?

NONATA- Está furiosa porque dona Margarida vai embora.

ESTHER- Mas ela mesma não queria que a outra se fosse?

DULCE- Sim, mas não com o mecânico de rádios!

ESTHER E NONATA- Não!

DULCE- Sim. Vão sair agora, de automóvel, para visitar as propriedades de Dlaria!

ESTHER- Mas que pouca vergonha!

NONATA- Que baixeza imunda!

ESTHER- (Indo até a janela) Mas isso é um absurdo completo!...

DULCE- Não, professora, nessa janela não, papai pode chegar e hoje ele está de muito mau humor. Vamos vê-los pela janela do meu quarto.

ESTHER- É mais prudente.

NONATA- Também acho.

DULCE- É uma pena você não poder ficar, Nonatinha.

NONATA- Ora, porque é que eu não posso ficar?

DULCE- Porque da janela do seu quarto se avista muito melhor. (Sai com Esther)

NONATA- Hmm! Grosseza!
(Entra Jorge)



JORGE- Bom dia para todos, bom dia Paulette Amiga!

NONATA- Bom dia...

JORGE- Onde ia com tanta pressa a meiga menina?

NONATA- Para casa.

JORGE- Não acredito!

NONATA- Ya sim. A mal educada da Dulce sugeriu que usasse a janela da minha casa!...

JORGE- Para que, pode-se saber?

NONATA- Para ver a dona Margarida e o mecânico de rádio embarcarem num automóvel rumo às casas de Olaria!...

JORGE- Não é possível! Que fofoca divina! Eu também quero ver!.. (Vai até à janela)

NONATA- Ah não, seu Jorge, que seu Tobias pode chegar e hoje ele está de muito mau humor.

JORGE- Ihhh!... Então, vou preparar logo minha aguinha com açúcar por causa do meu nervoso... (Tobias entrando)

TOBIAS- Onde vai, seu Jorge!

JORGE- (Dando meia volta) Bater a cópia do contrato, seu Tobias.. (Sai)

TOBIAS- E você, menina, o que é que ainda está fazendo aqui?

NONATA- Eu... nada!... Eu ia dar um recado a Dulce...

TOBIAS- Pois não precisa. Suba para sua casa.

NONATA- O senhor está muito nervoso hoje, seu Tobias.

TOBIAS- Não converse mais! Suba!

NONATA- (Saindo) Estou indo... que gente!

TOBIAS- Agora vamos ver se esta cópia do contrato fica ou não fica pronta hoje! Seu Jorge!... Há mais de quinze dias... (Sai)

- x -

(Entre Rodolfo)

RODOLFO- Mas será que ela não vem?!... Vou esperar por aqui enquanto o velho não aparece.

(Carlos e Arnaldo entram)

CARLOS- Se volto aqui é porque o senhor Tobias mandou-me chamar.

ARNALDO- Eu vim para apresentar-lhe as desculpas (Consultando o relógio) o pior é que os minutos estão voando.



- CARLOS- (Dando com Rodolfo) Mas, novamente!...
- RODOLFO- Antes que comecem, vamos acabar de uma vez para sempre com essa coisa!
- CARLOS- O senhor tem de nos dar amplas satisfações do seu vil procedimento para conosco... Não aqui, é claro...
- ARNALDO- Marque hora e local.
- RODOLFO- Os senhores estão redondamente enganados.
- CARLOS- Que enganados! O senhor não é o Rodolfo por quem minha noiva...
- (Margarida entrando)
- MARGARIDA- Absolutamente! Não é esse o homem que os senhores procuram como causador de seus infortúnios amorosos.
- RODOLFO- Claro que não.
- MARGARIDA- (Embevecida) Este já tem destino garantido...
- CARLOS- E a senhora sabe quem é o tal?
- MARGARIDA- Sei.
- ARNALDO- (A Margarida) Então diga quem é.
- CARLOS- Sim, diga, dona Margarida.
- MARGARIDA- Juram não me comprometerem?
- OS DOIS- Juramos.
- MARGARIDA- Pois já lhes direi. (Olha para um lado, para outro, faz pausa de suspense, ar de vingança) É o senhor Jorge!
- OS DOIS- Aquele...
- MARGARIDA- O próprio. Agora, adeus senhores. Deixo para sempre esta casa fajuta que só infernizou os dias que passei aqui - Vamos, darling? (Saem)
- ARNALDO- Mas quem diria, né?
- CARLOS- Estou embasbacado! Logo aquele?...
- ARNALDO- Vivendo e aprendendo!...
- (Tobias entra)
- TOBIAS- Os senhores... aqui?
- CARLOS- Como o senhor mandou chamar-me.
- ARNALDO- Eu vim apresentar-lhe as minhas desculpas por aquele incidente de ontem.
- TOBIAS- Não se fala mais nisso. (A Carlos) Mandei-o chamar para que você faça as pazes com sua noiva.
- CARLOS- Lamento não ser isso possível.



TOBIAS- Mas como? Isso é um desatino! Ora, vamos, faça como o cavalheiro aqui, mais sensato, que vem disposto a reconciliar-se com a mulher...

ARNALDO- Lunca, senhor!

TOBIAS- Não entendo. Então, persistem no erro?

CARLOS- Errado está o senhor, seu Tobias. Dulce ama outro homem.

ARNALDO- O mesmo que seduziu minha mulher.

TOBIAS- O Rodolfo Valentino?

CARLOS- Que Rodolfo Valentino? É esse desclassificado Jorge que o senhor acolhe em seu honrado lar?

TOBIAS- Não pode ser! Mas esse é...

ARNALDO- Nós também costumamos a crer!

TOBIAS- Os senhores julgam que ele é capaz...

CARLOS- De tudo!

TOBIAS- Bem que eu desconfiava...

CARLOS- O senhor não deve consentir mais na entrada desse indivíduo na sua casa.

TOBIAS- Logo que ele me entregue a cópia do contrato, voa por aquela janela.

ARNALDO E CARLOS- Deixe isso por nossa conta, seu Tobias.

TOBIAS- Bem...

ARNALDO E CARLOS- Ele está no escritório?

TOBIAS- Bem... não, cavalheiros, ainda não chegou...

ARNALDO- Não costuma estar aqui a esta hora?

TOBIAS- Mas hoje atrasou-se...

CARLOS- O mais acertado é esperarmos por ele na porta da rua. Quando chegar, metralhamos o valdevinos a socos e bofetões!

ARNALDO- Não é obra! Desçamos antes que ele suba.

CARLOS- Com sua licença, seu Tobias.

ARNALDO- Até mais ver, seu Tobias. (Saem)

- x -

TOBIAS- Se eu lhes dissesse que ele estava no escritório, eram as pazes de ir lá liquidá-lo. Mas que bordel está virada minha casa! Tenho de tomar medidas enérgicas para debelar o mal!



ESTHER- (Entrando e dirigindo-se de binóculo à janela) Oh! seu Tobias...

TOBIAS- E começa-se já! (Para Esther) A senhora saia imediatamente desta casa!

ESTHER- Hein?

TOBIAS- Expulso-a do meu lar.

ESTHER- Por que?

TOBIAS- Quer saber a razão?

ESTHER- Sim.

TOBIAS- Pois muito bem: vejo-me forçado a expulsá-la de minha casa por causa do seu procedimento!

ESTHER- O que é que o senhor está tentando dizer?

TOBIAS- Não estou tentando, estou dizendo que a senhora é amante - de Jorge!

ESTHER- Eu?

TOBIAS- Havia de ser eu?
(Esther tem uma crise de riso, incontável, a ponto de o brigar-la a deitar-se no sofá)

TOBIAS- Eu estou falando sério, minha senhora. Faça o favor de - comportar-se neste honrado lar!
(Nonata entrando)

NONATA- Dulce! Dulce! (Dá com Tobias) Oh! seu Tobias...

TOBIAS- O que veio fugir aqui?

NONATA- Nada... eu vim dar um recado para Dulce...

TOBIAS- Já disse que não precisa. Saia!

NONATA- Mas...

TOBIAS- Ou sai ou faço queixa a sua mãe!

NONATA- Não, seu Tobias... queixa não!

TOBIAS- Faça sim, se você não sair imediatamente!

NONATA- (De joelhos) Pelo amor que o senhor tem a sua filha...

TOBIAS- É inútil. Vou queixar-me e já...

NONATA- Se o senhor fizer queixa eu me atiro pela janela!

TOBIAS- Pois é um favor que faz à humanidade! (Sai para fazer - queixa)



- NONATA- É não é que o desgraçado foi queixar-me de mim
(Esther que passou do riso ao choro convulso)
- ESTHER- Dizer que eu sou amante daquela!...
- NONATA- Professora, vá pedir ao seu Tobias que não faça queixa de
mim a mamãe...
- ESTHER- Logo o Jorge... nunca!...
- NONATA- Vai logo, professora, porque se o seu Tobias fizer queixa,
a mamãe nunca mais vai me deixar vir aqui...
- ESTHER- Isso não se faz!
- NONATA- Anda, professora, vai pedir a ele...
- (Esther tem uma crise de choro, gritos, lancinantes.)
- NONATA- Mas o que é isso? Só porque lhe pedi...
- (Dulce entrando)
- DULCE- Que gritos são esses?
- NONATA- É essa cantora de ópera demente...
- DULCE- Desmaiou! (Procurando acalmá-la) Professora...
- NONATA- Dulce, o seu pai foi fazer queixa de mim pra mamãe...
- DULCE- Ajude-me a socorrer a professora.
- NONATA- Vai pedir a seu pai que não faça queixa, porque senão a ma
mãe nunca mais me deixa vir aqui.
- DULCE- Você não está vendo o estado em que está a professora?
- NONATA- Depressa... antes que ele faça queixa! Já deve estar lá -
em cima...
- DULCE- Solte-me... vá buscar a garrafa de álcool para ela cheirar.
- NONATA- É assim que você é minha amiga?
- DULCE- Dona Esther... Dona Esther... anda, mulher, a garrafa de -
álcool!
- NONATA- É assim que você é minha melhor amiga? Está bem, já que v
você não quer ir, eu mesma vou. (Sai)
- DULCE- O álcool... Ninguém para trazê-lo... Vou eu mesma. (Sai)

- x -

- (Jorge entrando)
- JORGE- Ele que aona é essa que não se pode nem trabalhar direito!
Ai! A professora desmaiou! Professora! Professora, volte
a si...



Arnaldo entra junto com Carlos)

ARNALDO- Oja! Jorge aos pés de minha mulher!

CARLOS- avremo o flagrante delito!

JORGE- Vendo os dois) Ainda bem; chegaram a tempo!

ARNALDO- Mas infelizmente desarmado, bandido, miserável! Senão já seria um cadáver!...

JORGE- Chama um médico, vamos, rápido!

ARNALDO- Não procure dissimular, canalha!

CARLOS- Só mesmo a tiro!

JORGE- Um médico!

ARNALDO- Não disfarça!

JORGE- E quem é que está disfarçando? Mas logo eu...

CARLOS- Trair um amigo como eu! Você roubou-me miseravelmente o amor de Dulce!

ARNALDO- Acabemos com essa comédia!

JORGE- Ai meu nervoso!... Mas a mocinha ali está desmaiada!

ARNALDO- (Sacudindo-a) É inútil servir-se desse recurso tolo!

ESTHER- Ai... Socorro...

ARNALDO- Nunca te darei ouvidos mulher despudorada!

CARLOS- (a Jorge) Agora, não.

JORGE- Mas de novo? O que é que viram hoje na cara de boneca, hein? Isso só pode ser macumba de bicha invejosa!

CARLOS- Então, seu sedutor de meia tijela!

JORGE- Pois tira a patinha de cima de mim que eu tenho hora marcada para terminar a cópia do contrato!

ARNALDO- (Consulta o relógio) Oh diabo! (Deixa Esther) Já passam dez minutos da minha hora... (Vai saindo)

CARLOS- (A Arnaldo) Espera.

ARNALDO- O meu chefe não desculpa.

CARLOS- É a vingança?

ARNALDO- Outra hora... outra hora... (Carlos sai atrás)

(Jorge volta)

JORGE- Já se foram aqueles monstros horríveis?

ESTHER- Já, felizmente.

(Dulce entrando)

DULCE- Cheira professora.



- ESTHER- Choirar o que?
- DULCE- Já recuperou os sentidos?
- ESTHER- Nunca os perdi, que eu sei! Só queria saber quem me inty
gou com seu pai.
- DULCE- Com papai? O que fez ele?
- ESTHER- Expulsou-me de sua casa dizendo que eu tinha um amante!
- JORGE- E que o amante era eu? - onde já se viu...
- DULCE- O senhor? Mas que coisa mais descabida!
- JORGE- Por que?
- DULCE- Sem... Por nada...
- JORGE- Ah, bom. E depois, só porque vim em auxílio dessa pobre pro
fessora desfalecida fui caluniado, quer dizer, caluniado -
por aquele monstro herbívoro do marido dela!
- DULCE- Aposto que isso é arranjo do senhor meu noivo. Apostu!
- (Nonata entra)
- NONATA- É assim, sua cadela, que você provou ser minha melhor am
iga?
- DULCE- Onde está papai?
- NONATA- Lá em cima, conversando com a mamãe.
- DULCE- E fez queixa de você?
- NONATA- Não sei... Eu não quis entrar com medo que já tivesse fei
to...
- DULCE- Como é que ele está: carrancudo e gesticulando muito?
- NONATA- Não: calmo e gentil.
- DULCE- Então, não se preocupe; não fará queixa nenhuma!
- NONATA- E o que é que ele tem de ficar conversando com a minha
mãe?...
- (Entra Carlos)
- CARLOS- Ah! Enfin, as duas pecadoras perdidas juntas.
- DULCE- Escute aqui, ó seu débil mental, vamos colocar tudo em pra
tas limpas agora mesmo. Quem inventou essa intriga infu
ante de que a professora era amante dessa louca!
- ESTHER- Logo eu, que detesto mulher!
- JORGE- Mas que sem cerimônia para falar de gente... e assim na ca
ra!
- DULCE- Anda, nada de evasivas... quem foi?
- ESTHER- Vamos, diga se tem coragem!



- JORGE- Diga, diga se é homem!
- CARLOS- Muito bem; a pessoa que informou-me dessa situação inacreditável, vergonhosa e extremamente constrangedora foi nada mais nada menos que dona Margarida!
- DULCE, ESTHER, NONATA E JORGE- Aquela vaca?!...
- DULCE- Além de nos roubar o mecânico...
- ESTHER- ...inventa histórias sujas a nosso respeito!
- NONATA- Até que ela tem senso de humor!...
- JORGE- Bem que eu nunca confiei em mulher!
- DULCE- É o pateta do meu noivo acreditou piamente nas palavras inbanas daquela gralha maluca?
- CARLOS- Quer dizer... eu...
- DULCE- Quer dizer que o senhor é um grandiosíssimo imbecil acreditando em sandices que anda ouvindo por aí.
- CARLOS- Oh! então nada é verdade? Você não está apaixonada por ninguém que não seja eu? Oh! Dulce, como sou um homem feliz!
- DULCE- É bom mesmo que seja.
- CARLOS- Preciso encontrar seu Tobias para lhe dar a boa nova! Seu Tobias, seu Tobias...
- NONATA- Está lá em cima conversando não sei o que com a mãe...
- CARLOS- É seu Tobias... é seu Tobias!
- JORGE- (Chorando) Não chame o homem! É seu Carlos! (Volta) Lá se vai o meu dia santo!... (Sai)
- NONATA- O que será que o seu pai e minha mãe tanto conversam, hein?
- DULCE- Ora, Nonata, deixe a vida dos outros em paz!
- ESTHER- Bem, agora, só falta convencer meu marido de que essa história toda de amante não passou de invenções vingativas daquela desclassificada.
- DULCE- Não será difícil. Papai se encarregará disso, com certeza.
- ESTHER- Não é nada fácil para uma mulher honesta, hoje em dia, manter uma reputação intactável...
- (Rodolfo entra)
- RODOLFO- Com licença, minhas senhoras...
- AS TRÊS- O senhor!
- DULCE- Como se atreve!
- NONATA- Não tem vergonha de entrar novamente nesta lar!



ESTHER- Depois de tudo que aconteceu?

RODOLFO- Desculpa, eu não queria incomodar, mas a minha chave de fenda... só pode ter ficado aqui.

ESTHER- E a proprietária daquelas casas de Olaria, onde se encontra no momento, pode-se saber?

RODOLFO- A minha espera no taxi. Tivemos que voltar do meio do caminho por causa da chave de fenda. Sem ela, não sou ninguém.

NONATA- Então, há uma chave de fenda perdida nesta casa? (Brada o grito de guerra) Meninas, vamos procurá-la!

AS TRÊS- Vamos!

(Nonata apaga propositalmente a luz. Palco às escuras)

RODOLFO- Não... Por favor, senhoritas... Não!... Aqui não... Cuidado... Ah eu tenho cócegas... Não, minha senhora... socorro... Socorro!... Dona Margerida... Acudam... mãe... MAMÃE... M A MÃ E!!! (Silêncio sepulcral)

(Nonata acende novamente a luz. As três - e mais Jorge - ajeitam discretamente barras e vestidos, riscas de meias, nós de gravata. Um longo suspiro dos quatro. Tempo longo. Extremamente longo.)

F I M